

Entrevistas

Professores



JOSÉ BENEDITO VIANA GOMES



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Doutor em Música (2013) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Mestre em Música (1997) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Graduou-se em flauta transversal (1990) pela

Universidade de Brasília – UnB, na classe da renomada flautista francesa, radicada no Brasil, professora Odette Ernest Dias.

Em 1990, passou a residir na cidade de Vitória (ES) para atuar como flautista da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses) e, em 1992, assumiu a cadeira de professor de flauta transversal da Faculdade de Música do Espírito Santo Maurício de Oliveira (Fames).

Organizador da publicação na internet do site do projeto www.flautabrasil.com.br.

Atuou como coordenador dos projetos musicais e sociais Vale Música Academia de Ensino (entre 2000 e 2011), Fames nas Comunidades (entre 2017 e 2018) e Arte Sem Limites (entre 2005 e 2013).

Ainda no primeiro semestre de 2000, apresentamos à Fundação Vale a proposta para a realização de um projeto idealizado pelos músicos da Orquestra. O nome desse projeto era “Academia de Ensino da Orquestra”. Uma proposta inspirada em um modelo similar, realizado pela Orquestra Filarmônica de Berlim e por outras importantes orquestras no mundo. A ideia principal era de que os músicos da orquestra dessem aulas de instrumentos para jovens alunos”

José Benedito Viana Gomes

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou? Fale, por favor, sobre o papel da Associação Amigos da Orquestra no embrião do Projeto.

Nos primeiros meses de 2000, provavelmente no mês de março, foi realizada a primeira reunião entre a Associação de Amigos da Orquestra e a Fundação Vale. A Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo – AAOFES (na época, a Orquestra era denominada Filarmônica, por questões jurídicas) foi fundada em novembro de 1997, ou seja, a nossa instituição tinha sido formada há pouco mais de dois anos. O presidente era o Edu Henning; o vice-presidente, Antônio de Pádua, que era médico e havia sido o flautista da Orquestra; do Conselho de Diretor, fazíamos parte eu, a Engracia Alice Lopes Baptista, o Antônio Marcos Cardoso, o Modesto Flávio, a Júnia Gruvira e o Jorge Luiz Melo. Na primeira reunião com a Fundação Vale, estávamos presentes eu, a Engrácia e o Modesto Flávio (representando AAOFES), e o Frederico Moncorvo, que era, na época, o coordenador da Fundação Vale.

O objetivo inicial da reunião foi solicitar patrocínio ou apoio cultural para realização da temporada de concertos sinfônicos da Orquestra. No transcorrer da reunião, o Frederico explicou que a Fundação Vale gostaria de priorizar projetos ligados à educação. Nesse momento, explicamos que poderíamos desenvolver um projeto em parceria voltado para a educação, mais precisamente para alunos de escolas públicas, por meio dos Concertos Didáticos. Já tínhamos essa experiência, pois

havíamos realizado, no ano anterior, uma série de Concertos Didáticos para o Ministério da Cultura. Assim, em junho de 2000, iniciamos a série Concertos Didáticos Vale Música. Ao final daquele ano, conseguimos levar aproximadamente 15 mil alunos das escolas públicas da Grande Vitória para assistir aos concertos da Orquestra. Foi um Projeto inovador em vários aspectos. Tudo era conduzido com criterioso projeto pedagógico. Os músicos da Orquestra vestiam camisas coloridas, e cada cor indicava um naipe da orquestra; ao entrar no teatro, os alunos recebiam folhetos com o mapa colorido da Orquestra, indicando os instrumentos, e as cores relativas às camisas dos músicos no palco. Tudo era cuidadosamente pensado para despertar o interesse e a atenção dos alunos de uma forma lúdica e didática.

A parceria inicial para a realização dos “Concertos Didáticos Vale Música” teve, além da AAOFES e da Fundação Vale, a participação das Secretarias de Educação dos municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. A repercussão na imprensa e, conseqüentemente, na sociedade foi muito positiva. As apresentações de Concertos Didáticos da Orquestra aconteceram por vários anos, com um público total estimado em quase um milhão de alunos de escolas da rede pública.

Ainda no primeiro semestre de 2000, apresentamos à Fundação Vale a proposta para a realização de um projeto idealizado pelos músicos da Orquestra. Era uma ideia antiga que passava por nossas cabeças e em conversas na Orquestra. O nome desse projeto era Academia de Ensino da Orquestra. Uma proposta inspirada em um modelo similar, realizado pela Orquestra

Filarmônica de Berlim e por outras importantes orquestras no mundo. A ideia principal era de que os músicos da orquestra dessem aulas de instrumentos para jovens alunos.

A Fundação Vale aprovou a ideia e passou a investir na realização do Projeto da Academia de Ensino da Orquestra. Em um curto espaço de tempo, a Fundação propôs que o Projeto passasse a se chamar Vale Música. A proposta da equipe de marketing (do Rio de Janeiro) para adotarmos esse nome era a de fazer uma referência à então Companhia Vale do Rio Doce e à Fundação Vale, e também à orquestra, por meio do termo “música”.

Além da parceria entre a AAOFES e a Fundação Vale, foi fundamental para o início do projeto a parceria com a Faculdade de Música do Espírito Santo, que cedeu seu espaço físico para realização das aulas. Na época, a instituição tinha como diretora Natércia Lopes. Em uma reunião, propusemos a ela a utilização do espaço físico da Faculdade nos dias em que a instituição tinha salas disponíveis. A diretora concordou e, assim, em setembro de 2000, iniciamos as atividades práticas de aulas com o nome Academia de Ensino Vale Música.

Outra parceria fundamental no início do Projeto Academia de Ensino Vale Música se deu com as Secretarias de Ação Social dos municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. Também nesse período, contamos com a parceria da Secretaria de Ação Social do Estado do Espírito Santo.

Como integrantes da coordenação do Projeto, juntamente com a Fundação Vale e as secretarias de Ação Social dos municípios envolvidos, decidimos que os alunos seriam jovens com

idades entre 10 e 21 ou 23 anos, pertencentes a famílias com renda familiar, na época, de até R\$ 75,00 per capita e moradores da Grande Vitória. A proposta inicial da Academia de Ensino Vale Música era oferecer aulas de Teoria e Percepção Musical, Canto Coral, Instrumentos (todos da Orquestra: cordas, sopros e percussão) e Prática de Orquestra.

No início, eram cerca de 250 alunos. Com o tempo, naturalmente, esse número aumentou. A previsão inicial era a realização de uma apresentação pública no prazo de 30 meses, entretanto, graças à incrível dedicação de alunos e professores, cerca de seis meses após o início das atividades aconteceram as primeiras apresentações públicas do Coral e da Orquestra Vale Música.

Qual o seu papel no início do Projeto? Quando assumiu a coordenação e por quanto tempo permaneceu nessa função?

Tive a felicidade de fazer parte do grupo que idealizou o Projeto Vale Música. No início, estive à frente da Coordenação porque estava no cargo de diretor do Conselho. Participei da coordenação até 2012. Durante esse período, estive afastado da coordenação por motivos pessoais, entre 2001 e 2003. Em 2008, deixamos de realizar o Projeto por meio da Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo e passamos a realizar a gestão através da Sociedade Artística e Cultural Phylarmonia.

Quantos alunos o Projeto tinha? Onde aconteciam as aulas?

A gente tem que entender que o Projeto Vale Música começou como um projeto bem amplo. Mais amplo do que a Academia de Ensino, porque também havia os Concertos Didáticos. Se a gente contar o número de alunos de escolas públicas que assistiram aos Concertos Didáticos – que era uma das vertentes do Projeto –, chegaremos a centenas de milhares de beneficiários do Projeto Vale Música ao longo de todos esses anos. Mas era na Academia de Ensino que os alunos realmente tinham aulas e acesso aos instrumentos de orquestra. A gente começou com 250 alunos, mas esse número foi aumentando com o tempo. Com a saída natural de alguns, por motivos vários, acabava que outros alunos iam entrando, e todos esses foram beneficiados pelo Projeto. Inicialmente, as aulas aconteciam na FAMES e depois passaram para uma casa alugada para ser a sede do Projeto, na Enseada do Suá. Posteriormente, a Vale insistiu para mudar o Projeto para a Serra. Então, alugamos outra casa ampla para realizar as atividades, em Novo Horizonte. Até que, acredito que no ano de 2011 ou 2012, as atividades do Projeto mudaram para a Estação Conhecimento Serra.

Quando e onde aconteceu a primeira apresentação pública do Projeto Vale Música? Qual era o grupo/conjunto, o regente e o repertório?

A primeira apresentação do Projeto foi no Theatro Carlos Gomes. Não me recordo a data com precisão, mas foi, provavel-

mente, no final de 2000, com o Coral da Academia Vale Música e a Orquestra da Academia Vale Música. Os alunos ainda estavam em uma fase bem inicial do repertório. Na época, havia duas regentes do Coral: a professora Engrácia, que fez a regência do Coral infantil – Coral dos Menores – e a professora Gina Denise, que fez a regência do Coral dos Maiores. E tinha o Modesto Flávio, na época regente-adjunto da Orquestra Filarmônica, que fez a regência da Orquestra. Foi uma apresentação – e acho que esse é um ponto importante – que aconteceu bem antes do tempo previsto. Nossa previsão era de que a primeira apresentação aconteceria em até 30 meses a partir do início do Projeto, mas aconteceu bem antes, graças ao empenho dos alunos e dos professores.

Naquela época, quantos grupos musicais estavam em atividade no Projeto?

Os grupos em atividade eram o Coral Vale Música, dividido entre as crianças maiores e as menores; a Orquestra Vale Música, que era o grupo instrumental com o maior número de participantes; havia também os grupos instrumentais menores formados por alunos de cada classe – o grupo das flautas, o grupo de percussão, o grupo de violino. Era bem interessante porque começaram a se formar outros grupos instrumentais com a união de diferentes classes de instrumentos.

Ao longo desse período, os grupos formados através do Vale Música se apresentaram em quais locais? Aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

Aconteceram muitas apresentações na Grande Vitória, em outros estados e no exterior. É até interessante registrar que projetos de outros núcleos do Vale Música começaram a acontecer em Belém, São Luís Corumbá. Começamos a sugerir contatos de colegas músicos que atuavam como profissionais nessas cidades onde a Vale tinha interesse em expandir o Projeto Vale Música. Na época, por intermédio de um grande amigo, o professor Born Medio, uma das figuras mais importantes na música do país e autoridade no assunto de teoria musical, e que foi meu professor na Universidade de Brasília, pudemos recomendar os nomes de profissionais bem sérios, como a professora Glória Caputo, de Belém. Através dessa rede de contatos, contribuimos para a formação dos outros núcleos do Vale Música. Com o início das atividades nos outros núcleos, começaram a acontecer apresentações de alunos do Vale Música em outras cidades, em função desse intercâmbio. Houve apresentações no Rio de Janeiro, onde fica a sede da Vale, pois havia interesse da Fundação Vale de que os alunos do Projeto se apresentassem lá. A apresentação aconteceu no Theatro Municipal, o que representou uma conquista muito grande para os alunos. Com o tempo, surgiram propostas para apresentações no exterior. Então, a Vale fez eventos no Japão e levou os meninos para tocar lá. Foi muito bacana. A partir daí, outros projetos foram se desdobrando, e eles começaram a tocar em outros lugares.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Em relação aos alunos que se profissionalizaram e adquiriram uma situação profissional estável com a música, cito alguns que participaram do Projeto bem no seu início. O Ariel da Silva Alves, que é flautista, hoje é professor de flauta no Instituto Federal, em Belém (PA). A violinista Danuza Rosa, que hoje está em Belo Horizonte e atua com música. O Wagner Nascimento, que atualmente é membro do naipe de percussão da Orquestra Sinfônica de Brasília.

Ainda em relação à questão anterior, você se lembra de pessoas que tiveram suas vidas transformadas por meio do Projeto Vale Música, ao longo desses 20 anos?

Penso que muitos alunos tiveram suas vidas transformadas por meio do Vale Música. E muito! Estou mencionando aqueles que passaram a ter uma vida profissional ligada à música, mas acredito que mesmo os que não seguiram a carreira musical tiveram no Projeto Vale Música um referencial muito importante em vários aspectos, como cidadania, visão de oportunidades, desenvolvimento acadêmico e profissional. Acredito que o Vale Música conseguiu contribuir, e muito, para a transformação da vida de muitos alunos.

ANTONIO MARCOS SOUZA CARDOSO



O professor de trompete Tônico Cardoso participou da diretoria da Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo, entidade que coordenou a primeira década do Vale Música com a Fundação Vale. Foto: Osmar Cardoso

Formação acadêmica e profissional

Iniciou seus estudos na Banda de Música da Escola Técnica Federal do Espírito Santo (ETFES) com o Professor Célio Paula da Costa. Por vinte anos, ocupou a posição de Primeiro Trompete da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo e a cadeira de Professor de Trompete da Faculdade de Música do Espírito

Santo, onde cursou o bacharelado em Trompete. Na UNIRIO, sob orientação do Prof. Nailson Simões, adquiriu os títulos de Mestre e Doutor em Música (Práticas Interpretativas).

Professor do III e IV Festival de Inverno de Domingos Martins (ES), da 2ª Semana de Artes do Centro de Educação Profissional Basileu França, em Goiânia (GO), do 1º Festival Carlos Gomes, em Campinas (SP), do 34º Festival Nacional de Música da Universidade de Goiás (UFG) e do I Seminário de Práticas Interpretativas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em agosto de 2013. Professor Assistente Substituto na UFMG de 2003 a 2005. Integrante da Banda Pequi - Orquestra de Música Brasileira.

Função atual

Professor de Trompete da UFG

O início das atividades do Projeto Vale Música está vinculado à Associação de Amigos da Orquestra. A ideia da Associação era trazer a sociedade para viabilizar as produções da Orquestra, e o sonho de toda Orquestra é ter uma academia de ensino. O Frederico Moncorvo, que era o gerente da Fundação Vale no Espírito Santo, comprou a ideia e sugeriu que o nome fosse Vale Música. Tanto que começou como Vale Música Academia de Ensino”

Antonio Marcos Souza Cardoso

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou?

O início das atividades do Projeto Vale Música está vinculado à Associação de Amigos da Orquestra. A Associação era sempre um trio: eu, Gracinha e Bené. Era um trio sempre preocupado com os movimentos sociais, algo que fazia parte de sua natureza dele. A Gracinha tinha todos os contatos sociais e políticos de pessoas importantes da sociedade capixaba. Então, ela conseguia os circuitos, conseguia chegar às pessoas que sempre apoiaram nossos projetos. A Associação foi criada num momento em que a Orquestra estava numa situação muito ruim. A gente ficou um ano e meio sem fazer concertos, não tinha dinheiro, não tinha funcionário no Teatro. Então, a ideia da Associação de Amigos era trazer a sociedade para viabilizar as produções da Orquestra. A gente vendia assinatura, os programas eram feitos lá em casa... Havia a Paula Galama, que é violoncelista e trabalhou no coro do Vale Música, com a Gina Denise. Era um sufoco mesmo. Mas a ideia foi realmente viabilizar as produções da Orquestra.

As grandes e tradicionais orquestras do mundo possuem academias de ensino. Berlim tem academia de ensino, a Osesp (SP) tem uma muito famosa. O sonho de toda orquestra é ter uma academia de ensino. A gente estava sempre muito junto – eu, Gracinha, Bené, o Helder, o Modesto... o Helder sempre tentando fazer a coisa se aperfeiçoar. Quantas reuniões para criar OS, Oscip, Fundação... tudo para melhorar os trâmites burocráticos e viabilizar a Orquestra.

Então, num desses sonhos, a Gracinha era conhecida do Frederico Daibert Moncorvo, representante da Fundação Vale no Espírito Santo. Ele gostou muito da ideia. Fomos pedir instrumentos e, talvez, conseguir dinheiro para pagar os professores e também a estrutura. Gracinha e Bené foram até lá, e logo depois eu comecei a participar das reuniões. O Frederico comprou a ideia e sugeriu que o nome fosse Vale Música. Tanto que começou como Vale Música Academia de Ensino. Fizemos uma grande parceria com as Secretarias de Assistência Social de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. As assistentes sociais selecionavam as crianças e traziam pra gente. Não tinha um processo de avaliação musical, a avaliação era de risco social mesmo. Cada um com seus critérios, e as assistentes sociais estavam presentes sempre, eram muito parceiras. Os meninos ganhavam vale-transporte, lanche, camiseta... foi assim que eles chegaram. Fizemos uma parceria com a Fames, onde as aulas aconteciam nas tardes de sexta-feira, o horário mais vazio da faculdade e quando tínhamos mais salas à disposição. Eu fazia organização dos horários, desenhava a ocupação das salas, horários de coros, horários de aulas de instrumentos. Sempre fiz essa parte mais burocrática. Logo que esse recurso entrou, a gente contratou a Ravena, por causa da demanda, pois precisávamos de um suporte. Tínhamos a Orquestra, trabalhávamos na Fames e ainda nos ocupávamos com o Vale Música. Então, precisávamos de alguém para esse suporte administrativo, de lanche e vale-transporte.

A primeira sala foi num edifício no centro de Vitória e tudo começou através da parceria com a Vale. O nosso compromisso

com a Vale era um ano de aula e de trabalho com os meninos, para a Orquestra estreiar. O Modesto Flávio era o maestro, o Jorge Luiz era o professor de trombone e tuba, se não me engano. Só que tudo rendeu tão bem, os meninos mandaram tão bem, foi tudo tão certo e tão legal, que, em setembro daquele ano, a gente conseguiu fazer o concerto de abertura. O primeiro concerto foi com Orquestra completa, com todos os instrumentos e coro, e foi um sucesso, lotado, com as famílias presentes. Foi um evento bem legal. Durante alguns anos, a gente caminhou assim. Os meninos se desenvolviam muito, e a gente fazia um concerto grande no aniversário. Tivemos como convidado um violonista capixaba que mora em São Paulo, o Robson Miguel. Ele fez um concerto com a gente, e o Altamiro Carrilho também.

Os alunos continuavam com as aulas de instrumento, de teoria e de coro. Quanto ao acompanhamento social, as assistentes sociais dispunham de sala, conversavam com eles e com a gente, eram próximas das famílias deles. Foi um momento muito rico do Projeto enquanto projeto social. Os meninos se desenvolveram bastante, era um time muito legal, um ambiente bom com os professores. A Associação de Amigos da Orquestra foi o braço jurídico que possibilitou a parceria com a Fundação Vale para dar o *start* no Projeto. As cabeças que conceberam, as cabeças que construíram... vamos falar assim, foram as mesmas da concepção do Vale Música Academia de Ensino, que foi o primeiro nome do Projeto.

Com o tempo, a Associação ficou enorme, e eu e Bené e Gracinha seguimos em frente com outra ONG, que foi a Phylarmônia. A Associação foi o braço que possibilitou que tivéssemos a

sociedade dentro da Orquestra. A Rede Gazeta era uma parceira muito forte da Associação, e o Edu Henning era o presidente. Ele sempre foi muito parceiro. Também tínhamos acesso à Maria Alice Lindenberg para propaganda, divulgação, parceria que se mantém até hoje. Imagino que a Rede Gazeta seja uma parceira da Orquestra. É uma coisa que ela faz, independentemente do estado, de forma gratuita, como uma propaganda da Orquestra, e não do estado.

Dentro disso, havia os Concertos Didáticos, que eram bem bonitos, lá no Teatro Carmélia. A Vale patrocinava os Concertos Didáticos, um Projeto que toda Orquestra possui com o objetivo de criar público, formar plateia para as crianças irem à Academia; é um círculo que se fecha. Havia também o concurso de redação, os professores das escolas eram capacitados antes, orientavam esses alunos... os alunos faziam redação, aí, as melhores ganhavam prêmios e os meninos regiam a Orquestra. Tinha um mascote e ônibus para levá-los ao teatro. Foram assim os primeiros anos do Projeto com os Concertos Didáticos e a Academia de Ensino.

Qual o seu papel no início do Projeto? Quando assumiu a coordenação e por quanto tempo permaneceu nessa função?

No começo, não havia o papel do coordenador. Éramos nós três que trabalhávamos. A gente fazia tudo. Eu cuidava dessa parte mais da logística, da organização das salas, participava da elaboração dos folders, de criação do banco de dados, uma parte mais administrativa. Mas nunca mexi com a parte de fi-

nanças. Por ter colegas muito bons e muito solícitos, eu não precisava cuidar da parte artística. O Modesto definia o repertório e ensaiava com a Orquestra, com o pessoal do Coro e com os professores também. Era todo mundo muito dedicado. Era tudo muito fácil, dava aquele trabalho de chegar mais cedo, pegar as chaves na secretaria da Fames, abrir todas as salas – porque era uma responsabilidade com quem nos hospedava –, depois fechar todas as salas, verificar tudo. Eu era o primeiro a chegar e o último a sair, e os meninos eram muito bons, comportados. Eu não tinha o contato político, de reunião com o empresário... Nunca gostei de participar dessas coisas. Como a gente não tinha um coordenador, acabava dividindo naturalmente as responsabilidades. Em determinado momento, não me lembro se em 2007, em virtude de uma mudança no projeto, a gente começou a solicitar um coordenador à Fundação Vale. Até porque eles já tinham esse cargo nos outros projetos do Vale Música, uma pessoa com quem a Vale falasse direto e que respondesse por tudo. Fiquei nessa função até 2010, quando encerramos a parceria com a Fundação e foi logo no começo da construção da Estação Conhecimento de Serra. Chegamos a vistoriar a Estação no final de 2010, as instalações estavam de pé, eles estavam planejando, dividindo salas, organizando as coisas. Participei desse momento com eles.

Quantos alunos o Projeto tinha? Onde aconteciam as aulas?

Acho que nós começamos com 120 alunos... Todos faziam Coral e alguns faziam instrumentos ou tinha gente que só fazia

Coral... mas eu acho que todo mundo fazia Coral e instrumento. Eram 30 alunos para cada município. Os quatro municípios da Grande Vitória tinham alunos matriculados. Eram alunos selecionados pelas secretarias de Assistência Social, tinham que estar na escola, que estar estudando, havia regras desse tipo. Eles levavam os instrumentos para casa desde o começo.

As atividades aconteceram durante muito tempo na Fames. Depois, por alguma razão, a gente teve que sair de lá e alugou uma casa atrás do Horto Mercado, ali na vila de pescadores. Uma casa onde cabia tudo, tinha um auditório para o Coro, a Orquestra tinha sala. A gente conseguiu ficar lá um tempo. Depois, o Projeto chegou a funcionar no Parque Botânico Vale. Participei da reforma do Parque Botânico para receber o Projeto. A estrutura que a Sinfônica ocupa lá hoje foi inicialmente pensada para o Vale Música. Depois, fizeram algum revestimento na sala. Nesse aspecto, estar com a Fundação era muito bom: eles queriam tudo do melhor, cadeiras boas, um espaço pequeno e ajeitado, feito com muita qualidade, com muito carinho para receber os meninos, a Orquestra. Mas era contramão. Acho que não deu certo lá no Parque Botânico. Depois disso, nós funcionamos por um tempo na casa da Adriana Dutra, em Novo Horizonte, perto da Estação Conhecimento. Eu acho que foi de lá para a Estação Conhecimento.

Quando e onde aconteceu a primeira apresentação pública do Projeto Vale Música? Qual era o grupo/conjunto, o regente e o repertório?

A primeira apresentação foi no Theatro Carlos Gomes. Foi o primeiro concerto da Orquestra, foi a Orquestra toda e o Coro. Acho que o Coro cantou sozinho com a Gina Denise regendo e a Paula tocando piano. Depois, a Orquestra tocou, por isso acho que todos os alunos tocavam e cantavam. Não me lembro do repertório, mas foi muito bonito e surpreendente. Foi uma noite com a presença das famílias, tudo muito bonito.

Naquela época quantos grupos musicais estavam em atividade no Projeto?

Tínhamos dois grupos na estreia: a Orquestra Sinfônica Vale Música e o Coral do Vale Música.

Ao longo desse período, os grupos formados através do Vale Música se apresentaram em quais locais? Aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

A Orquestra se apresentou no Festival de Domingos Martins. Um grupo pequeno da Orquestra fez uma turnê com o pianista Marcelo Bratke pelo Brasil todo. Eles foram tocar no programa do Jô Soares, tocaram em todos os estados e em muitos teatros pelo Brasil. No final de novembro de 2000, esse grupo passou uma semana no Japão: cinco dias lá e mais dois dias viajando. Fui com eles como coordenador. Foi uma viagem inesquecível para todos. O Japão é um lugar ao qual a gente não costuma ir duas vezes na vida, não é? Foi uma experiência muito boa para todo mundo. E tanto a Orquestra quanto o Coro faziam

apresentações pontuais em eventos da Vale. Com os meninos que tinham melhor rendimento, a gente montava grupos menores, para *pocket shows* e coisas assim.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Foram muitos os meninos que participaram. Posso citar a Meiriele do fagote, a Ariana, o Wagner, que está agora em Brasília. O próprio Lucas, que está na Europa. O Gessé Souza, que foi meu aluno, ainda toca, apesar de não ser trompetista profissional. O Thiago Santos faleceu ano passado num acidente, mas o irmão dele também apareceu no Vale Música e é músico ainda. O Lucas Anizio, do violino, começou com a gente. O oboísta André Quindeler já era músico, mas foi aprender com a gente. O flautista Ariel, ex-aluno do Bené, hoje está na Banda da Polícia Militar.

Podemos afirmar que o Vale Música transformou vidas, independentemente de os alunos terem seguido a carreira musical profissional?

Mudança total! Acho que Projeto cumpriu e cumpre até hoje o objetivo de usar a música como ferramenta de inserção social, de acordo com o projeto inicial. A gente tinha alunos que levavam uma vida muito difícil. Então, passaram a ser vistos como pessoas diferentes dentro das suas comunidades. Tinha

aluno com orgulho de subir o morro, de ir para a periferia carregando o violino, de estudar violino em casa, de proporcionar um som diferente na comunidade dele. Isso é um fator de orgulho muito grande para os meninos e para as famílias. Você se sente muito importante de uma maneira positiva. Isso foi muito legal, e deu muito certo, alguns se tornaram músicos profissionais. Outros, simplesmente, viram que é possível fazer pequenas transformações na vida. A gente sempre tinha notícias, sempre conversava com os meninos e sabia desse efeito positivo da música como ferramenta para inserção social. Era esse o objetivo no começo de tudo.

ENGRACIA ALICE L. B. MACHADO

(GRACINHA MACHADO)



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Pedagoga e Musicista com bacharelado
em Flauta Transversa

Função atual

Aposentada



Não podíamos ser os mesmos depois de conviver com os alunos e continuarmos indiferentes a tantas dificuldades passadas por eles. Hoje, temos grandes profissionais que começaram no Projeto Vale Música, que mudaram suas vidas e de suas famílias”

Gracinha Machado



Gracinha Machado participou da fundação do Projeto Vale Música e coordenou durante anos o Coral Infantil. Foto: Acervo Vale Música

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou?

Nasceu de um papo entre amigos que queriam fazer algo bem legal para levar a música às comunidades carentes e assim também divulgar a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo. Para isso, montamos a Associação dos Amigos da Orquestra.

Qual o seu papel no início do Projeto e quais funções desenvolveu ao longo dos anos?

Eu, Bené (José Benedito), Tônico (Tônico Cardoso) e o maestro Modesto (Modesto Flávio) fomos os fundadores do projeto. Depois, ficamos como coordenadores e dávamos aula também. Não podemos esquecer Frederico Moncorvo, que abraçou com muito carinho a nossa causa. Ele tinha um cargo importante de diretor da Fundação Vale.

Quantos alunos o Projeto tinha? Onde aconteciam as aulas?

Tinha de 350 a 400 alunos. Nos primeiros anos, o projeto aconteceu na então Escola de Música do Espírito Santo (Emes).

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

Sim, eram bem pobres, alguns iam para as aulas descalços. Eram alunos bem carentes. Alguns, como o Ariel (Ariel da Silva Alves), eram de famílias evangélicas. Para aulas de instrumento eram mais ou menos de 12 até 18 anos. Para o coro infantil, de 6 a 12 anos. Os alunos eram de quatro municípios: Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica.

Quando e onde aconteceu a primeira apresentação pública do Projeto Vale Música? Qual era o grupo/conjunto, o regente e o repertório?

Foi no Teatro Carmélia (Centro Cultural Carmélia Maria de Souza) e no Theatro Carlos Gomes. Depois, passamos a fazer apresentações nas escolas. Os regentes eram o Modesto Flávio e o Helder Trefzger.

Naquela época, quantos grupos musicais estavam em atividade no Projeto?

Havia o Coro Infantil, o Coro Adolescente e a Orquestra do Projeto.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Lembro do Ariel da Silva Alves (flauta transversa) e Angelo Freitas Ruy (que depois escreveu uma peça para o grupo), que foram meus alunos de flauta transversa. Também destaco a Danusa Rosa (violino).

Podemos afirmar que o Vale Música transformou vidas, independentemente de os alunos terem seguido a carreira musical profissional?

Sim, claro, e muitas, tanto de alunos como de professores. Não podíamos ser os mesmos depois de conviver com os alunos e continuarmos indiferentes a tantas dificuldades passadas por eles. Hoje, temos grandes profissionais que começaram no Projeto, que mudaram suas vidas e as de suas famílias.

MODESTO FLÁVIO CHAGAS FONSECA



Modesto Flávio participou do Projeto Vale Música desde sua fundação até 2010, como professor de viola (de arco) e maestro.
Foto: Acervo pessoal

Formação acadêmica e profissional

É graduado em Música – bacharelado em Regência em 1993 pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, mestre, em 2004, e doutor, em 2013, em Musicologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Foi Regente Adjunto da Orques-

tra Filarmônica do Espírito Santo, entre 1993 a 2010 e, em 1994, criou a Orquestra de Câmara de Viçosa (MG), sendo também seu regente titular. Formou, em 2001, o grupo Coro e Orquestra Domine Maris e o Capela Del Rey, em 2010, ambos dedicados à divulgação da música brasileira dos séculos XVIII e XIX, nos quais atua como violista, regente e diretor artístico. Com o primeiro gravou, em 2005, o CD “Creator Alme”, o primeiro registro sonoro da maioria das obras que nele constam. Com o segundo, realizou, em 2011, uma série de concertos nas regiões central e norte do Brasil. Diretor Regente da Orquestra Lira Sanjoanense desde 2015. Coordena o Centro de Documentação Musical de Viçosa (CDMV) e realizou a publicação de dois volumes de obras sacra e para banda, pertencentes aos acervos viçosenses e da região.

Função atual

Professor-Adjunto do Departamento de Música da Universidade Federal de São João Del Rei (MG), lecionando as disciplinas Prática de Orquestra, Canto Coral, Fundamentos da Regência, Harmonia e Análise Musical.

Não tenho dúvidas quanto aos benefícios do Projeto Vale Música para os seus alunos. Naturalmente que cada aluno aproveita de forma própria e, quase sempre, diferente dos demais. De qualquer forma, todos foram apresentados ao universo da chamada “música clássica”, com seus valores, princípios, normas e incontáveis benefícios para o indivíduo social e espiritual. De alguma forma, todos se beneficiaram”

Maestro Modesto Flávio

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou?

Diferentes fatores contribuíram para motivar a criação do Projeto Vale Música. Havia o interesse em criar novos músicos para a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo à época, uma academia de formação de futuros músicos. Outra razão foi social, a partir do desejo de democratizar o acesso a essa cultura musical. Os principais idealizadores, se não me falha a memória, foram o Tônico Cardoso e o José Benedito. A Associação Amigos da Orquestra exerceu um papel de viabilização jurídica, um meio não governamental para possibilitar o desenvolvimento do Projeto.

Qual o seu papel no início do Projeto? Por quanto tempo participou do Vale Música?

No início, atuei como professor de viola de arco. Atuei no Projeto desde o seu início até o ano de 2010.

Ao longo desse período, você teve a oportunidade de participar da criação de algum conjunto ou orquestra dentro do Projeto?

Formei, em 2007, um conjunto de alunos do Vale Música para fazer parte do projeto do pianista Marcelo Bratke. O pianista nominou o grupo como Camerata Brasil, com o qual, durante alguns anos, realizou concertos no Brasil e em diferentes países.

Quantos alunos o Projeto tinha? Onde aconteciam as aulas?

Não vou me lembrar exatamente do número de alunos, mas penso que era algo em torno de 200 por ano. Inicialmente o Projeto funcionou na Primeira Igreja Batista de Vitória, depois frequentou uma construção que estava sem uso no centro de Vitória e, por fim, estava lotado em uma escola de música particular.

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

A faixa etária era entre 11 e 18 anos, boa parte da Serra e havia outros de Vila Velha e de outra localidade da qual não me lembro agora.

Quando e onde aconteceu a primeira apresentação pública do Projeto Vale Música? Qual era o grupo/conjunto, o regente e o repertório?

Provavelmente, foi uma apresentação da orquestra e coral, regidos, respectivamente, pelo Helder Trefzger e a Gina Denise.

Naquela época quantos grupos musicais estavam em atividade no Projeto?

Havia a Orquestra Sinfônica do Projeto, um Coral Principal, um Coral de Crianças e Grupos de Câmara.

Ao longo desse período, os grupos formados através do Vale Música se apresentaram em quais locais? Aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

As apresentações eram, em sua maior parte, em Vitória e região, mas acho que aconteceram também no Rio de Janeiro, capital.

Acredita que o Vale Música é um Projeto transformador na vida de crianças e jovens que fazem ou fizeram parte dele?

Não tenho dúvidas quanto aos benefícios para os alunos. Naturalmente que cada um aproveita de forma própria e, quase sempre, diferente dos demais. De qualquer forma, todos foram apresentados ao universo da chamada “música clássica”, com seus valores, princípios, normas e incontáveis benefícios para o indivíduo social e espiritual. De alguma maneira, todos se beneficiaram.

HELDER TREFZGER



Foto: Kristina Gonçalves

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Mestrado em Regência – Práticas Interpretativas pela UFRJ e Graduado em Regência pela UFMG.

Função atual

Maestro Titular da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo (Oses)

Participei do início do Vale Música, na estruturação do projeto, ao lado dos demais músicos, e, depois, como maestro da Orquestra Jovem. As apresentações no Theatro Carlos Gomes estavam entre as mais importantes. Marcaram-me muito as apresentações que realizamos nas Oficinas de Vagões, dentro da própria Vale, para os funcionários. As apresentações para os familiares dos alunos também eram muito emocionantes”

Maestro Helder Trefzger

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou? Fale, por favor, sobre o papel da Associação Amigos da Orquestra no embrião do Projeto e da situação da Orquestra Filarmônica naquele momento.

Vivíamos um período muito difícil no Espírito Santo. Além da crise econômica, havia a crise institucional. Andávamos de cabeça baixa, envergonhados com tantas notícias negativas sobre o estado, com ênfase no crime organizado. Nesse cenário tenebroso, a cultura, evidentemente, sofria com a falta de recursos. Daí uma ideia brotou no seio da Orquestra. Numa conversa com vários músicos, resolvemos nos unir e fundar alguma entidade para arrecadar doações para que a orquestra continuasse a tocar. Convidamos o Edu Henning para ser o presidente e ele, sempre extremamente generoso, topou a empreitada. A Associação de Amigos foi, durante anos, a salvação da Orquestra. Vale destacar a grande contribuição da diretoria do período inicial, principalmente o José Benedito Gomes, a Gracinha Machado, o Antônio Marcos Cardoso e o maestro Modesto Flávio, que não mediram esforços em prol da Orquestra. Uma das preocupações do grupo era a formação de novos músicos. Nasceu, então, a Academia de Orquestra que, rapidamente, através da parceria com a Vale, se transformou no Projeto Vale Música. Lembro com destaque da participação do Frederico Moncorvo, pela Vale. Posteriormente, outras pessoas ligadas à Oses deram continuidade ao Projeto, como a Paula Galama e Gina Denise Soares.

Qual o seu papel no início do Projeto? Por quanto tempo participou do Vale Música?

Particpei no início, na estruturação do projeto, ao lado dos demais músicos, e, depois, como maestro da Orquestra Jovem. Durante uma época eu me afastei –creio que por conta de outras obrigações – e, posteriormente, retornei e permaneci por mais alguns anos, tendo colaborado um pouco com o Projeto quando era gerenciado pela Adriana Dutra e, depois, pela Júlia Sodré.

Ao longo desse período, você teve a oportunidade de participar da criação de algum conjunto ou orquestra dentro do Projeto?

Sim, a Orquestra Jovem.

Quantos alunos o Projeto tinha? Onde aconteciam as aulas?

As aulas aconteciam na Faculdade de Música do Espírito Santo. Não me lembro do número exato, mas eram muitos alunos, que, além das aulas e ensaios, recebiam um lanche, o vale-transporte, uniforme, instrumentos, tudo isso, desde o princípio. Talvez, hoje, isso seja considerado uma coisa normal, mas, naquela época de crise, representou muito – e isso só foi possível graças ao suporte da Vale.

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

Lembro de alunos de várias cidades, a maioria em situação de vulnerabilidade social, mas com muita vontade de aprender. Eles agarravam a música com vontade, como uma opção para melhorar a vida deles.

Naquela época, quantos grupos musicais estavam em atividade no Projeto?

Orquestra, Corais e os grupos formados nas classes específicas, de percussão, metais etc.

Ao longo desse período, os grupos formados através do Vale Música se apresentaram em quais locais (cite os mais importantes)? Aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

As apresentações no Theatro Carlos Gomes estavam entre as mais importantes. Marcaram-me muito as apresentações que realizamos nas Oficinas de Vagões, dentro da própria Vale, para os funcionários. As apresentações para os familiares dos alunos também eram muito emocionantes.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita? E de alunos que tiveram suas vidas transformadas pelo Projeto,

**independentemente de terem seguido a carreira musical?
Pode citar nomes?**

Tivemos o Wagner Nascimento, que atuou na Oses e hoje é percussionista da Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília. O percussionista Léo de Paula, uma referência aqui no Espírito Santo. O flautista Ariel, que hoje dá aulas em uma universidade. São vários casos, incluindo um supertalento do violoncelo, que já atuou na Oses, e hoje estuda na Finlândia, o Lucas de Oliveira.

Quando e por qual motivo você deixou o Vale Música?

Acredito que foi em alguma reformulação do Projeto, mas não me recordo bem. Foi uma saída natural, acertada em comum acordo. Sempre torci e continuarei torcendo pela continuidade e pelo sucesso do Projeto.



GINA DENISE BARRETO SOARES

Formação acadêmica

Doutora em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ - 2015). Mestre em Música pelo Programa de Pós-Graduação em

Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003).

Bacharelado em música - Piano pela Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), 1991.

Graduada em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 1987.

Atualmente, exerce a função de Professor Auxiliar de Ensino na Faculdade de Música do Espírito Santo.

Na Fames, foi coordenadora do Curso de Formação Musical e, atualmente, coordena a pós-graduação e pesquisa. É violoncelista da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES).

Tem experiência na área de artes, com ênfase em música, atuando principalmente nos seguintes temas: educação musical, história da música geral e brasileira, psicologia da música, sociologia da música e pesquisa em música.

Função atual

Violoncelista da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo e Professora da Faculdade de Música do Espírito Santo Maurício de Oliveira



No início do Projeto Vale Música, além de participar dos Concertos Didáticos como violoncelista, eu era professora de canto coral na Academia de Ensino. Fiz parte do Projeto desde o início, acompanhei o seu surgimento e vivenciei o desenvolvimento dos alunos desde a entrada da primeira turma”

Gina Denise Barreto Soares



Gina Denise era regente do Coral Jovem nas primeiras apresentações do Projeto Vale Música, no Museu Vale, no prédio original da antiga Estação Pedro Nolasco. Foto: Acervo Vale Música

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou?

A primeira ação do Projeto Vale Música foram os Concertos Didáticos para escolas públicas de educação básica de quatro municípios – Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. A partir desses Concertos, em consequência do interesse despertado nas plateias, surgiu a Academia de Ensino, vertente do Projeto Vale Música que oferecia a jovens de 12 a 17 anos aulas dos instrumentos utilizados numa orquestra, aulas de Teoria, Canto Coral e, posteriormente, Prática de Orquestra.

A possibilidade do Projeto Vale Música surgiu a partir da criação da Associação de Amigos da Orquestra, instituição sem fins lucrativos, que buscou contribuir com as atividades da própria Orquestra, num momento de grande dificuldade de apoio por parte do governo. Com a Associação, viabilizaram-se as parcerias com empresas e instituições, tais como a Vale, prefeituras, secretarias municipais, dentre outras.

O núcleo pensante e estruturante da Associação, bem como do Projeto Vale Música, foi liderado por José Benedito Viana Gomes e Antônio Marcos Cardoso, em consonância direta com o maestro Helder Trefzger.

Qual o seu papel no início do Projeto? Você entrou em 2000, logo no início? Quando assumiu a coordenação e por quanto tempo permaneceu nessa função?

No início do Projeto, além de participar dos Concertos Didáticos como violoncelista, eu era professora de Canto Coral na Academia de Ensino. Fiz parte do projeto desde o início, acompanhei o seu surgimento e vivenciei o desenvolvimento dos alunos desde a entrada da primeira turma.

Nos anos de 2002-2003, continuei atuando como professora de Canto Coral e também fiz parte da coordenação do Projeto. Durante esse período, a nova coordenação da qual participava deu continuidade ao trabalho iniciado e tivemos a oportunidade de criar novas ações. Dentre elas, podemos citar um grupo de alunos do projeto que participou do Festival de Inverno de Domingos Martins, vivenciando algo diferente na formação deles. Alguns alunos que lá estiveram seguiram o caminho profissional da música. Outra experiência valiosa se deu quando a Orquestra Vale Música fez a trilha sonora do curta-metragem de animação dirigido por Beatriz Lindenberg. Essa produção, que envolvia alunos de escola pública, participantes de oficinas de animação, levou a Orquestra Vale Música ao Mosteiro Zen Budista de Ibirapu, onde eles puderam conhecer um pouco

da rotina do lugar, realizando, assim, uma breve imersão, pois esse local seria trazido ao curta-metragem. O vídeo também foi apresentado no Teatro Glória, por ocasião da realização do Vitória Cine Vídeo. Nos anos seguintes, a Orquestra Vale Música continuou a participar do projeto, o que significou vivenciar uma rica experiência de formação. Outro fato iniciado nesse período foi a participação no Projeto do renomado pianista Marcelo Bratke, que levou os alunos da Orquestra Vale Música a viajar por várias cidades de estados brasileiros e vários países.

Quantos alunos o Projeto tinha? Onde aconteciam as aulas?

Atendíamos a 180 alunos e as aulas aconteceram na Fames durante vários anos.

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

O Projeto atendia alunos de quatro municípios: Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. Eram alunos de 12 a 17 anos, que estavam matriculados e frequentando a escola. A parceria com as Secretarias de Assistência Social desses municípios foi fundamental, bem como o trabalho com as assistentes sociais que faziam a seleção e o acompanhamento dos alunos. A primeira turma foi a mais trabalhosa, pois precisávamos conhecer a realidade que nos apresentava e que era bem diferente dos nossos relacionamentos de trabalho como professores. Tínhamos alunos com diversas características emocionais e situações de vida difíceis, o que nos fez desenvolver meios de envolver e li-

dar com esses alunos de modo particularizado, buscando atender às necessidades individuais que se apresentavam.

Quando e onde aconteceu a primeira apresentação pública do Projeto? Qual era o grupo/conjunto, o regente e o repertório?

A primeira apresentação do Projeto foi no Museu Ferroviário Vale, em Argolas. Tínhamos iniciado o Projeto em setembro e realizamos uma apresentação de Natal no início de dezembro com o Coral. Eu e a Paula Galama éramos responsáveis pelas turmas de coral, que eram em número de quatro, mas que, para as apresentações e ensaios, tornavam-se apenas uma, um coral. Nessas ocasiões, eu era a regente e a Paula era a pianista. O repertório foi de músicas natalinas.

A foi muito importante para nos depararmos com um pouco da realidade dos alunos, no sentido de atuarmos no comportamento e na observação das regras. Talvez esse tenha sido um dos momentos mais difíceis para os professores e coordenadores do Projeto. A responsabilidade de lidar com tantos alunos, num ambiente aberto, diferente da sala de aula, nos fez criar estratégias para que, nas próximas vezes em que saíssemos para apresentações, pudéssemos fazer com mais tranquilidade, fato que veio a acontecer, pois, a cada saída e a cada nova turma que entrava no Projeto, o amadurecimento dos alunos antigos influenciava positivamente os novos.

Quanto tempo você permaneceu como regente do Coral Vale Música? Ao longo desse período, o Coral se apresentou em quais locais?

Permaneci por cinco anos como regente do Coro Juvenil do Projeto Vale Música. Aconteceram apresentações no Theatro Carlos Gomes e no Palácio Anchieta, além do Museu Ferroviário. Também atendemos a vários convites feitos por escolas e outras instituições para participarmos de aberturas de eventos.

Nesse período, aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

Houve uma apresentação da Orquestra do Vale Música no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Participações em apresentações no exterior passaram a ocorrer quando houve a aproximação do pianista Marcelo Bratke, e alguns alunos foram tocar com ele, o que oportunizou muitas viagens pelo Brasil e exterior.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Sim, tivemos muitos alunos que deram continuidade aos estudos musicais, tais como Wagner Nascimento (percussionista), Ariel Alves (flautista) e Lucas de Oliveira (violoncelista), entre outros.

Ainda em relação à questão anterior, você se lembra de pessoas que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música ao longo desses 20 anos?

Sim, os três alunos citados na questão anterior seguiram como músicos, mas outros se dedicaram a diferentes profissões.

SANNY SANTOS DE SOUZA



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Mestre em Educação Musical pela Campbellsville University (KY, EUA). Bacharel e licenciado em Música pela UNIRIO (RJ). Músico integrante da Oses desde 1986. Professor da Fames desde 1991. Maestro do Coro da Petrobras no Espírito Santo de 2007 a 2018.

Professor de Violoncelo no Projeto Vale Música de 2003 a 2008. Maestro do Coro Sinfônico da Fames de 2007 a 2014. Professor de Violoncelo e maestro da Orquestra Jovem Vale Música de 2014 a 2018. Maestro do Coro Vox Victoria de 2014 aos dias de hoje. Maestro do Coro do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) desde 2011. Em 2017, assumiu a regência da Orquestra Sinfônica da Fames e, em 2018, do Coro Sinfônico.

Função atual

Músico integrante da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses), professor da Faculdade de Música do Espírito Santo Maurício de Oliveira (Fames), maestro do Coro Sinfônico e Orquestra Sinfônica da Fames, maestro do Coro Independente Vox Victoria.

Durante os cinco anos em que fiquei como professor de violoncelo do Projeto Vale Música, procurei ter um papel transformador. Esta era a minha meta sempre: tentar transformar a vida daqueles meninos e meninas que estavam ali tentando estudar violoncelo, aprender um pouco mais de música, mudar de vida, ser um pouco mais cidadãos através da prática musical. A oportunidade que não tive, enquanto garoto da periferia, eu estava dando agora para outros garotos da periferia e, muitas vezes, eu me via no lugar deles. E isso me transformou”

Maestro Sanny Souza



Sanny Souza atuou em duas fases do Projeto Vale Música, como professor de violoncelo e regente da Orquestra Jovem. Foto: Acervo pessoal

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou?

Se não estou enganado, o Projeto Vale Música foi criado em 2000, por um músico da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo chamado Antônio Marcos. Ele era trompetista da Oses e, hoje, é professor na Universidade Federal de Goiás. O Antonio Marcos foi quem teve essa ideia de criar o Vale Música. Depois, a Vale usou esse nome no Brasil inteiro. Eu não estava aqui, estava nos Estados Unidos fazendo mestrado. Assim que cheguei, fui inserido no programa e me tornei professor em 2003. Na época, a Orquestra tinha uma Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo, que funcionava visando à formação de público para a Orquestra. A associação era uma

entidade sem fins lucrativos e que recebia doações de empresários diversos. O Antônio Marcos deu essa ideia e, a partir da Associação, o Vale Música foi criado. Tinha, é claro, a Diretoria da Associação, que envolvia o flautista da Oses José Benedito, a Engracia Alice Lopes Baptista Machado, que também era flautista da Oses, além do Antônio Marco. Esses três, com certeza, foram os criadores da ideia do Vale Música.

Qual o seu papel no desenvolvimento do Projeto? Quando assumiu a regência e por quanto tempo permaneceu nessa função?

Tenho que dividir a minha participação em duas. Ingressei no Vale Música em 2003 e fiquei até 2008. Nesse período, fui apenas professor de violoncelo. Como professor de violoncelo, o meu papel, no meu entender, foi muito importante, uma vez que foi um projeto que falava muito para mim, para a minha mente, o meu coração, a minha vida. Transformou muito a minha vida porque, até então, embora eu tenha vivido essa realidade na infância, não podia imaginar que um dia regressaria a vivê-la, só que agora numa outra posição: a de educador e professor. Foi muito importante ter vivenciado isso como professor porque era, mais ou menos, como se eu estivesse dando uma oportunidade a mim mesmo. A oportunidade que eu não tive, enquanto garoto da periferia, eu estava dando agora para outros garotos da periferia e, muitas vezes, eu me via no lugar deles. E isso me transformou. Ter sido professor de violoncelo naquele período foi muito importante para mim.

Durante os cinco anos em que fiquei como professor de violoncelo, procurei ter um papel transformador. Esta era a minha meta sempre: tentar transformar a vida daqueles meninos e meninas que estavam ali tentando estudar violoncelo, aprender um pouco mais de música, mudar de vida, ser um pouco mais cidadãos através da prática musical. Então, quando eles tocavam em orquestra, quando eu formava grupos de violoncelo com eles, era muito importante para mim e era muito importante para eles, uma vez que a minha função era muito gratificante porque eu tinha sempre esse papel de transformar a vida deles e de fazer com que eles soubessem, aprendessem e conseguissem viver bem em sociedade. Trabalhar bem em grupo, fazer música conjuntamente, se respeitar, ser respeitado e, ao mesmo tempo, conseguir interagir com vários da mesma idade, de diversos locais. Acho que o meu papel foi esse.

Agora, quanto à segunda parte, eu só me tornei regente lá na frente. Eu saí em 2008 e só fui voltar ao Vale Música em 2014. Fiquei de 2014 até 2018 como professor de violoncelo e, por três anos, como músico regente da Orquestra Jovem Vale Música. Eu já tinha a experiência de ter passado pela primeira vez, lá atrás, e o Vale Música tinha mudado muito, estava muito mais estruturado, estava muito melhor. Então, o meu trabalho ficou um pouco mais fácil. E eu também já estava com muito mais experiência em educação, muito mais tarimbado para enfrentar as situações que a gente enfrentava. Como regente do Vale Música, meu papel não foi só o de transformador; sempre que pude, procurei ao máximo estimular a descoberta, fazer com que os jovens músicos da periferia se descobrissem ou desco-

brissessem a música para suas vidas. Esse era o meu papel. E eu tinha um prazer enorme de trabalhar com eles na Orquestra, porque, quando eu via o resultado aparecendo daquela forma, percebia que eles estavam se descobrindo e que eu dava a minha colaboração para essa descoberta. Isso fazia uma diferença muito grande na minha vida e eu ficava muitíssimo satisfeito.

Quantos alunos o Projeto tinha quando você entrou para o Vale Música? Onde aconteciam as aulas e qual a Orquestra/Banda que você regeu?

Não sei responder quantos alunos o Vale Música tinha naquela época porque, quando entrei, em 2003, eram alunos de todos os municípios da Grande Vitória, de Viana, Cariacica, Vila Velha, Vitória e Serra. Agora, vindo para o nosso tempo, de 2014 a 2018, o Projeto só funcionava na Serra e atendia somente a jovens residentes nesse município. Acredito que era entre 100 e 200 alunos. Quanto aos locais onde o Projeto funcionou, bem, entre 2003 e 2008 funcionou em três lugares. Começou na Fames e depois passou para a Praia do Suá, em uma escola de música que estava inativa, e teve um período em que as aulas funcionaram no Parque Botânico da Vale. Então, ali, o Vale Música funcionou durante um tempo. Até que vários professores encerraram suas atividades em 2008, dentre eles, eu. Em 2014, quando voltei, todas as funções aconteciam na Estação Conhecimento de Serra. A Estação Conhecimento já tinha abraçado o Projeto Vale Música e levado tudo para lá.

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

De 2003 a 2008, o perfil dos alunos era diversificado. Havia alunos com muitas dificuldades financeiras, obviamente. Com problemas muito sérios, com pai ou irmão preso, ou algum membro da família que mexia com drogas pesadas ou era traficante. Era um campo social complexo pra gente mexer. Se não me engano, a maioria era menor de dezoito anos. Era muito complicado, pois havia pessoas com sérios problemas sociais. Por esse motivo, havia assistente social para ajudar a cuidar das crianças e dos adolescentes que tinham aulas com a gente. De 2014 a 2018, eram todos da Serra, já com um projeto mais estruturado, com local fixo. Então, era um pouco menos difícil. O perfil dos alunos já era mais equilibrado, já era uma coisa mais centrada, com uma avaliação mais criteriosa. Os alunos que faziam parte do projeto eram obrigados a estar estudando regularmente na escola. Por essas razões, minha segunda passagem pelo Vale Música foi bem diferente da primeira e mais fácil para se trabalhar.

Ao longo do período em que estive no Projeto Vale Música, quais foram as principais apresentações de que se lembra?

Na minha primeira fase, 2003 a 2008, as apresentações eram muito simples. Eram feitas geralmente no final do semestre ou no final do ano, quando havia uma apresentação importante. Mas aconteciam muitos recitais e apresentações individuais dos alunos. Porém, já na minha segunda fase, de 2014 a 2018,

houve muitas apresentações nesse período, mas não só da Orquestra que eu regia, como também da Banda Sinfônica e da Jazz Band, regidas pelo maestro Eduardo Lucas, e também as apresentações do Coral com a maestrina Hellen e, depois, com o maestro Jullianno. A mais importante que eu destaco, naquelas das quais estive à frente, foi a homenagem a Ivan Lins, no Teatro Glória, com a Orquestra, o Coral e o próprio Ivan Lins cantando suas músicas com o arranjo do professor de piano do Vale Música, o David Martins. Trouxemos o pianista Gilson Peranzetta, além do Roberto Menescal, que também veio a Vitória e com quem fizemos uma superapresentação somente com suas músicas. Mas eu poderia citar, igualmente, as apresentações da Orquestra Vale Música no Festival de Música Erudita do Espírito Santo, em Domingos Martins, onde pude reger a Orquestra Jovem. Em uma dessas apresentações, contamos com a participação da Natércia Lopes. Outro destaque foi uma apresentação da Orquestra Vale Música nas atividades de inauguração da sede da Petrobras no Espírito Santo. Eu ainda não era regente e ajudei os professores a cuidar dos garotos. Aquela apresentação foi importante.

Nos concertos fora do estado, lembro que a Banda Sinfônica se apresentou em Belo Horizonte, com o maestro Eduardo Lucas. Na minha primeira fase no Vale Música, a Vale levou um pequeno grupo e alguns professores para se apresentarem na Europa e no Japão.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Sim, tivemos muitos alunos que se destacaram. Alguns músicos que deram seus primeiros passos no Vale Música chegaram muito longe. Temos, por exemplo, músicos da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo hoje, que começaram no Vale Música. O percussionista Wagner Nascimento, passou, do Vale Música, a membro da Oses durante muitos anos e, hoje, está na Orquestra Sinfônica de Brasília como músico concursado. O Lucas Oliveira, aluno de violoncelo, estuda atualmente na Finlândia. Ele começou no Vale Música, depois foi para a Fames, para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, e de lá foi para a Finlândia. Está fazendo a carreira dele lá fora e, frequentemente, se apresenta com uma orquestra na Holanda e na Finlândia.

Outros três ex-alunos do Vale Música que hoje estão fazendo faculdade em São Paulo. O Lucas Anísio, que também participou do Vale Música, professor e meu aluno de regência, hoje atua como professor de violino e regente do Vale Música. Outro ex-aluno flautista, Ariel da Silva Alves, passou no concurso para a Banda da Polícia Militar do Espírito Santo e, atualmente, está no Pará, onde foi aprovado num concurso para professores. Muitos cresceram, são pessoas corretas e estão muito bem como músicos. Isso é para a gente ver a importância desse Projeto.

Ainda em relação à questão anterior, você se lembra de pessoas que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música ao longo desses 20 anos?

Penso que muitas das pessoas que atuam como profissionais tiveram suas vidas transformadas. Mas posso dizer que muitos

ex-alunos que não seguiram a profissão de músico profissional também tiveram suas vidas transformadas, porque eles nunca se esquecem do Vale Música. Muitos deles, quando eu estava lá, apareciam nos concertos e muitos estão tocando nas igrejas. Lembro de um aluno de violoncelo que morava no bairro São Pedro e não tinha onde tocar. Aí, num belo dia, ele conheceu as pessoas de uma igreja evangélica e começou a tocar lá. A presença na igreja fez sua vida se transformar completamente. Um belo dia ele arrumou um emprego, e o Vale Música deixou de existir na sua vida, mas o violoncelo não saiu da vida dele. Ele continuou tocando na igreja, exercitando aquilo que sabia, tornou-se aluno da FAMES durante um tempo, mas, por causa do trabalho, não conseguiu continuar os estudos. Mais tarde, se casou. Ele é um dos inúmeros exemplos de ex-alunos que tiveram suas vidas transformadas pelo Vale Música, mesmo sem se tornarem músicos profissionais.

Na sua opinião, qual a importância de Projetos como o Vale Música para a educação musical e formação da cidadania de crianças e jovens?

O Vale Música tem um papel fundamental na formação dos jovens, que vai além do aspecto acadêmico, artístico e musical, e se estende à formação do ser humano. O jovem que faz parte do Projeto não está lá apenas para aprender música, é oferecido a ele um conjunto de aprendizados que se insere em sua vida. O acompanhamento dos profissionais faz com que, realmente, o Vale Música tenha um papel fundamental na vida

de cada um deles. A gente sabe que, de certa forma, o poder público é omissivo em muitas coisas. Então, quando uma empresa privada forma, cria, banca e patrocina um projeto como esse, a gente precisa valorizar e dizer que exerce um papel fundamental e primordial na formação de jovens. Que bom que o Vale Música está fazendo 20 anos! São 20 anos libertando e abrindo caminhos para muita gente. Fazendo com que muitos jovens que não tinham direcionamento, não sabiam para onde ir e o que seria deles no futuro estejam hoje muito bem encaminhados. Alguns já acharam o caminho e outros estão em busca. Esqueci de mencionar que muitos alunos do Vale Música acabam indo para a Faculdade de Música do Espírito Santo, que é a única instituição de ensino superior de música no estado. Muitos alunos que cursam a graduação na Fames, tanto nos cursos de Música Popular quanto nos grupos de Música Erudita, são ex-alunos do Vale Música.

O Vale Música é o maior formador de músicos jovens aqui. Não creio que tenha algum outro Projeto que forme tantos músicos jovens ou que dê tantas oportunidades para eles irem tão além, porque a empresa Vale banca isso há muito tempo, já há vinte anos. E não é só. Na verdade, eles abrem as portas, uma vez que alguns músicos acabam participando de outros eventos promovidos pela empresa. No ano passado, vários jovens músicos tocaram com a Orquestra Sinfônica Brasileira. Outro jovem músico do Vale Música, o Elias, certa vez, participou do programa “The Voice Brasil” da Rede Globo. Ele agora é aluno da graduação da Fames. Tem sempre alguém se destacando, e a Vale sempre patrocinando essa pessoa. Que bom que a gen-

te tem uma empresa, uma entidade privada, com essa preocupação e dando suporte para que os jovens tenham essa formação adequada em suas vidas, numa época tão difícil em que a gente vive. O papel do Vale Música e da empresa Vale tem sido muito bem cumprido nessa função e proporcionado grandes frutos à nossa sociedade.

MIRIAM MOLLO MACHADO



Miriam Mollo acumulou as funções de professora de violino e de psicóloga do Projeto. Foto: Acervo pessoal

Formação musical e acadêmica

Psicologia

Função atual

Violinista da Orquestra Sinfônica do
Espírito Santo

Projetos como o Vale Música são essenciais. A gente acha que é só a vida dos garotos que muda. Mas não é assim, não. A nossa vida também muda. Eu, por exemplo, fui professora e comecei a trabalhar com projeto social sem nunca imaginar... eu nunca tinha sonhado com isso antes. Hoje, trabalho em outro projeto, no Instituto João XXIII, para o qual fui convidada exatamente porque atuava nessa área. Isso realmente faz uma diferença enorme no mundo”

Miriam Mollo Machado

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou?

A fundação do Projeto Vale Música começou por uma demanda da própria Orquestra. Começou com o que a gente chamava de Concertos Didáticos, preparados pela Orquestra Filarmônica do Espírito Santo. Nós íamos para os teatros e trazíamos as crianças das escolas públicas para nos ouvir. Nessa época, a Orquestra passava por diversas dificuldades, e os músicos estavam com vários meses de salários atrasados. O Projeto ajudou os músicos a conseguirem se manter naquele período. Lembro também que o Bené (José Benedito), Tônico (Tônico Cardoso) e Gracinha (Engracia Alice Lopes Batista) da Orquestra sentaram, com a ajuda do maestro Helder Trefzger, e fizeram o Projeto para ajudar os músicos com um cachê e, ao mesmo tempo, criar público para a Orquestra. As crianças iam para o teatro para aprender a ouvir, aprender sobre os instrumentos. No Projeto, surgiu uma demanda das próprias crianças. Durante os concertos, a gente as colocava para reger a Orquestra, mostrava os instrumentos e elas falavam: “Onde é que eu posso aprender?” “Eu quero aprender esse instrumento.” Aí surgiu a ideia de formar o Projeto Vale Música. Essas crianças não tinham oportunidade de aprender música em outros lugares porque, realmente, os instrumentos de orquestra são muito caros, não é?

Lembro que a Vale comprou a ideia. Os anos em que o Projeto Vale Música funcionou com a Orquestra foram bem bacanas. Os

coordenadores, então, tiveram a ideia de formar uma espécie de escola de música voltada para crianças carentes, de famílias que não tinham condições de pagar. E aí, as crianças entraram para aprender os instrumentos mesmo. Elas escolhiam os instrumentos, a gente selecionava e elas entravam para aprender a tocar.

Qual o seu papel na primeira fase do Projeto? Quando assumiu a coordenação e por quanto tempo permaneceu nessa função?

Eu entrei já no projeto dos Concertos Didáticos como violinista da Orquestra. Era uma coisa maravilhosa. A gente adorava fazer os concertos, ver aquelas crianças entrando no teatro e se apaixonando pelos instrumentos. Depois, quando houve uma seleção de professores do Projeto Vale Música, eu passei na prova e fui selecionada. Eu era uma das três professoras de violino. Foi uma época muito bacana. A gente lidava com essas crianças e eu, na verdade, tenho uma coisa a confessar: foi quando me encontrei. Eu dava aulas particulares na casa de crianças que tinham uma condição melhor. Dei aula durante muitos anos na minha própria casa, mas, realmente, me apaixonei pelo projeto social dentro do Projeto Vale Música. Foi quando descobri que era aquilo o que eu queria fazer. Fiquei um tempo e, depois, o valor do projeto foi diminuído, e o número de professores também foi. Acabei saindo e fiquei fora durante um ano. Depois de um ano, a gente, novamente, teve condições de aumentar o número de professores porque a demanda de violino era muito

grande. O ano em que fiquei fora foi de descoberta. Eu achei, na verdade, que fosse sentir falta da questão financeira, que aquilo fosse afetar o meu orçamento, e, de fato, afetou. Mas descobri que eu era apaixonada por dar aulas para crianças carentes, que têm aquela fome, aquela vontade de fazer, crianças que não têm oportunidades. Trabalhar em projeto social é muito diferente de dar aula numa escola de música particular. As demandas são diferentes e é um lugar onde você precisa ser apaixonado pelo que faz. Se você não é apaixonado, não consegue ficar em projeto social. E, nesse ano que eu fiquei fora, descobri que era aquilo que eu queria fazer. Foi um ano muito difícil para mim porque eu sentia muita falta. Voltei e entrei de cabeça. Não era mais só professora de violino. Tudo o que tinha para fazer, eu queria fazer. Entrei de outra maneira no Projeto. Eu tinha descoberto que era aquilo que eu queria fazer, então, eu queria fazer tudo ao mesmo tempo. Se eu pudesse, naquela época, teria dado aula de todos os instrumentos porque realmente amava o que fazia. Em um dado momento, começaram a surgir novas demandas. O professor Toninho teve um problema com um aluno em sala de aula e levou essa demanda para a reunião de professores. Outros professores relataram que também não conseguiam lidar com algumas situações emocionais dos alunos. Como também sou psicóloga, tive a ideia de atuar como psicóloga voluntária para atender a tais demandas. Não se tratava de terapia, mas de um atendimento para demandas que surgiam dentro da sala de aula e das quais os professores não conseguiam dar conta. Inicialmente, entrei como voluntária e, em determinado momento, a equipe entendeu a necessidade de ter uma pessoa disponível

para trabalhar como psicóloga com uma demanda de tempo ainda maior. Então, passei a acumular as funções de professora de violino e de psicóloga do Projeto. A gente conseguiu atender a algumas demandas realmente muito interessantes na época. Se não houvesse esse trabalho, teríamos problemas por conta das diferenças que esses meninos vivenciavam.

Quantos alunos o Projeto tinha? Onde aconteciam as aulas?

Normalmente eram seis alunos, por exemplo, de violino por professor. Mas não sei quantos alunos a gente atendia por ano. Quando a gente começou o Vale Música, havia uma parceria com a Fames. A gente começou lá nos sábados. Todas as manhãs de sábado, os professores iam para a Fames e a gente dava as aulas lá. Depois, alugamos um prédio que funcionava na Enseada do Suá. A gente começou a atender as crianças daquele morro que fica atrás do Horto Mercado (Jesus de Nazareth). Eram crianças de toda a Grande Vitória, na época. A gente dava vale-transporte e lanche e ficamos muitos anos dando aulas ali. Até que o Projeto Vale Música saiu da Associação dos Amigos da Orquestra e foi para outro lugar. Ficamos nove anos com a Associação, sob o domínio da Orquestra Sinfônica. Depois disso, a Associação não trabalhou mais com o Projeto Vale Música.

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

As crianças eram de toda a Grande Vitória, tinham vale trans-

porte para irem para a FAMES e o lanche da manhã. Acho que, nos nove anos em que o Projeto ficou com a Orquestra Sinfônica, funcionou assim. No início, eram crianças de dez, doze anos e, no máximo, dezessete. A gente não trabalhava com crianças muito pequenas. Elas vinham de toda a Grande Vitória. No início, a gente não fazia uma seleção porque era um projeto social. Depois de alguns anos, o Projeto passou a ser sociocultural, voltado para crianças que já tinham uma predisposição para a música.

Quando e onde aconteceu a primeira apresentação pública do Projeto? Qual era o grupo/conjunto, o regente e o repertório?

A gente fez várias apresentações com os alunos do Projeto Vale Música. Não lembro quando foi a primeira, mas foram várias. Tem um material vasto dessa época com um dos nossos alunos de flauta, o Angelo. Ele ficou muitos anos no Projeto Vale Música, entrou pequenininho e saiu adulto. Tocava flauta e também compunha. O maestro Modesto Flávio, que regia a Orquestra na época, ensinou a ele composição, e ele chegou a fazer algumas peças exclusivamente para o Projeto, para a Orquestra, e chegamos a executar a obra dele. Quando o Projeto terminou e a Associação foi fechada, ele me pediu esse material de fotos, de apresentações, de tudo que a gente tinha, porque ele queria escrever um livro a respeito do Vale Música. Ele tinha uma paixão enorme pelo Projeto, ficou ali por muitos anos. Só saiu realmente porque já estava muito adulto para continuar.

Tinha que sair para caminhar profissionalmente.

Você chegou a ser coordenadora do Projeto Vale Música?

Eu nunca estive na coordenação do Projeto Vale Música. Na época que saí, era coordenado pelo Tônico. Geralmente, eles faziam a coordenação entre Gracinha, que depois acabou saindo, o Bené e o Tônico. Quem comandava mesmo o Projeto Vale Música era a Andressa Fonseca. As grandes decisões eram tomadas pelo Tônico e pelo Bené, mas quem levava o Projeto no dia a dia era a Andressa Fonseca. Ela lidava com as crianças, com a burocracia toda, com a prestação de contas... Era a administradora. Eu nunca fui coordenadora. Na verdade, eu assumi a Associação de Amigos da Orquestra quando o Projeto Vale Música já não estava mais lá.

Quais foram as principais apresentações nesse período?

Houve alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

Fizemos várias apresentações fora. No Rio de Janeiro, lembro que as crianças foram para o Hotel Glória, que era um hotel maravilhoso. Eles nunca tinham estado numa situação daquela, nós ficamos hospedados nesse hotel e aproveitamos toda a estrutura do local. E fizemos uma apresentação no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Lembro que a Vale patrocinou um passeio para eles conhecerem a cidade. Foi uma viagem inesquecível para aquelas crianças. Para nós professores, que tomávamos conta deles e coordenávamos as coisas, foi maravilhoso, foi uma experiência espetacular. Imagina para esses meninos, não é? Depois

disso, nós tivemos, dentro do Vale Música, um Projeto chamado “Alma Brasileira”, coordenado pelo pianista Marcelo Bratke. Ele fez esse Projeto durante muitos anos, paralelamente ao Vale Música. Ele usava as crianças do Projeto Vale Música para fazer uma turnê pelo país. Eles começaram a fazer uma turnê pelo país inteiro com a Camerata Alma Brasileira. Fizeram vários concertos no país todo e foram em todas as cidades contempladas pelo Vale Música. Depois disso, esses meninos fizeram uma turnê no Japão, onde tocaram em várias cidades. Foi um negócio espetacular. Imagina um menino que vive uma situação completamente precária, difícil, que começa a estudar, se destaca no Projeto e aí vai fazer uma turnê no Japão com toda a estrutura. É uma coisa que eles nunca imaginaram.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Temos hoje na Oses colegas que foram nossos alunos no Vale Música. O Wagner Nascimento, ex-aluno de percussão do Vale Música, hoje está na Orquestra Sinfônica de Brasília, com uma estrutura espetacular. A fagotista da Oses começou no Projeto Vale Música. A violinista Suelen Peroni, que hoje está na Camerata Sesi, foi nossa aluna também. Nos nove primeiros anos em que os professores da Orquestra Sinfônica deram aulas no Projeto Vale Música, nós tivemos muitos resultados. A maior parte dos alunos ia para a Fames, se especializava lá. Hoje temos vários músicos, o Lucas Anizio... Muitos hoje são profissionais e trabalham na área de casamento, de música popular, na Orquestra

Sinfônica, na Camerata Sesi. Muitos que foram do Projeto Vale Música nessa época.

Ainda em relação à questão anterior, você se lembra de pessoas que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música ao longo desses 20 anos?

Foram muitos os meninos que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música. Hoje, eu tenho no *Facebook*, no *Instagram*, vários alunos daquela época que, hoje, são músicos, colegas de profissão, que tiveram uma mudança radical de vida. Meninos que viveram uma situação precária, difícil, sem muitas oportunidades. Se não fosse o Projeto, não sei que tipo de profissão teriam. Projetos como o Vale Música são essenciais. A gente acha que só a vida dos garotos muda. Mas não é assim, não. A nossa vida também muda. Eu, por exemplo, fui professora e comecei a trabalhar com projeto social sem nunca imaginar... eu nunca tinha sonhado com isso antes. Nem sabia que esse tipo de coisa existia. Hoje, trabalho em outro projeto, no Instituto João XXIII, para o qual fui convidada exatamente porque trabalhava nessa área. Dos nove anos que o Projeto Vale Música foi coordenado pela Orquestra Sinfônica, trabalhei em oito. Hoje, estou no Instituto João XXIII já há quinze anos e foi uma mudança de vida para mim também. Conheço vários professores que trabalham nessa área porque se descobriram apaixonados pelo tipo de trabalho. Isso, realmente, faz uma diferença enorme no mundo.

ADRIANA DUTRA AMARAL



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Licenciada em Música, com especialização em Arte na Educação e pós-graduanda em Musicoterapia

Função atual

Proprietária da Escola de Música Piano Rústico.

Regente de Coral do Projeto Música na Rede – FAMES
/ Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo

Eu superacredito que projetos bons e bem monitorados contribuem para a formação de cidadãos conscientes. A iniciação musical deveria ser um direito obrigatório por lei, pois, assim, teríamos pessoas mais sensíveis. Um Projeto como esse sempre vai atingir além da música. Acredito nessas propostas, seja qual for o segmento da arte musical, desde que a sua equipe de execução tenha responsabilidade social”

Adriana Dutra Amaral



Adriana Dutra organizou o Núcleo de Musicalização Vale Música de 2008 a 2011. Foto: Acervo pessoal

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou?

A minha colaboração iniciou-se no ano de 2008, quando o Projeto já existia.

Qual o seu papel no desenvolvimento do Projeto? Quando assumiu a coordenação e por quanto tempo permanece nessa função?

Quando assumi o Projeto, ele estava praticamente sendo encerrado. Foi então que, no mês de julho de 2008, fui indicada para assumi-lo, iniciando, assim, um novo ciclo. Na época, fiz questão de buscar os antigos alunos, pois eles já estavam em um nível para ajudar a iniciar essa nova etapa, eram exemplos que incentivariam os novos através de sua trajetória, antes como

alunos, e agora como professores no Projeto. As instalações da nova proposta seriam no Parque Botânico Vale. Assim, demos início aos procedimentos, abrindo 40 vagas no município de Vitória. Porém, não foi possível iniciar as atividades por motivos técnicos que independiam de nossa vontade. Pensei então em como perseverar nesse desafio em meio às dificuldades que estávamos enfrentando. Foi quando propus aos meus coordenadores a possibilidade de levar o núcleo para o município da Serra. A negociação implicava que o projeto seria instalado em parte de minha residência, sem nenhum ônus mensal, apenas gastos, como alimentação, transporte com os educandos; em troca, abriria mais 40 vagas para os serranos. Assim, demos início ao Núcleo de Musicalização Vale Música com as atividades de coral, flauta doce e bandinha rítmica. De 2008 a 2011, eu tive o papel de organizar o núcleo. Assumi a coordenação de fato já na Estação Conhecimento, de 2012 a agosto de 2013.

Quantos alunos o Projeto tinha quando você entrou para o Vale Música? Onde aconteciam as aulas e qual a Orquestra/Banda que você regeu?

Formamos o núcleo com 80 alunos na iniciação musical. Não saberia dizer quantos alunos ainda tinha do Programa Vale Música Academia de Ensino antes de 2008. As atividades eram realizadas em um espaço cedido por minha família, no bairro Novo Horizonte, em Serra, de 2008 a 2011. Atuei como regente de Coral durante toda a minha temporada no Projeto, e formei a Camerata Vale Música na Estação Conhecimento.

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento (faixa etária, escolaridade, região)? Eram todos da Serra?

Durante o período em que estive no projeto, nossos alunos estavam na faixa etária de 6 a 16 anos. Eram alunos do Fundamental 1 e 2. Inicialmente, tínhamos alunos da Grande Vitória, mas, com o tempo, a adesão acabou se concentrando na Serra.

Ao longo do período em que estive no Projeto Vale Música, quais foram as principais apresentações de que se lembra?

Todo e qualquer evento com as crianças eram muito importantes e grandiosamente festivos, até porque tínhamos o apoio incondicional das famílias. Então, posso classificar os musicais anuais, como a “Viagem de TUHU”, “A Lenda do Mestre Álvaro e o Moxuara”, “O Quebra-Nozes” com a Camerata, as apresentações natalinas e os festivais, em destaque na Usina 8 da Vale, como os eventos principais.

Nesse período aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

Estávamos iniciando todo o processo, e não se constrói uma orquestra em tão pouco tempo, até pela rotatividade que acontece num projeto, a afinidade e escolha pelo instrumento, o tempo mínimo necessário de estudo, a dedicação e muito mais. Mas fizemos uma viagem ao Rio de Janeiro. Por decisão

da organização, não nos apresentamos, mas a turma se divertiu bastante.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Sim!! Os destaques que iniciaram a musicalização durante a minha temporada no Projeto foram Matheus Viana, flautista popular, licenciando em Música pela Ufes, que lançou um EP em 2019, com composições autorais, excelente compositor e arranjador; William Sampaio, um trompista maravilhoso, que entrou recentemente na Oses; Samuel Nascimento, baterista/percussionista; Thomas Vander, violoncelista licenciando na Ufes; Flávio Henrique, talentoso, bacharelado no violino; Thiago Medeiros, violinista popular, talentosamente irreverente, licenciando em Música na Fames; Lucas Herzog, violinista estudante da Fames; Lucas Skalzer, que fez percussão no Projeto e, mais tarde, se descobriu no acordeom e se tornou um sanfoneiro profissional, estudante do Ifes; Joyce Rodrigues, violoncelista que está se licenciando em Música na Ufes; Mayza Batista, bacharelada em composição na Ufes, e tantos outros. Tenho imenso orgulho de ter a oportunidade de fazer parte da história de vida dessa turma. Mas quero pontuar que enquanto estive no Projeto tive o prazer de trazer ex-alunos para trabalhar conosco; entre os quais, Tiago Santo (trompetista, *in memoriam*), Denise Nascimento (violino), Damares Dias (violino), Josué Dias (violoncelo), Jonatas Dias (contrabaixo), Rodrigo Rodrigues (clarineta) e Lucas Anizio (violino).

Ainda em relação à questão anterior, você se lembra de pessoas que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música ao longo desses 20 anos?

Acredito que todos os citados tiveram mudança de vida após o Projeto. Não saberia dizer psicologicamente, mas, pelo rumo que eles tomaram, isso me leva a crer que aproveitaram as oportunidades que tiveram.

Na sua opinião, qual a importância de Projetos como o Vale Música para a educação musical e formação da cidadania de crianças e jovens?

Eu superacredito que projetos bons e bem monitorados contribuem para a formação de cidadãos conscientes. A iniciação musical deveria ser um direito obrigatório por lei, pois, assim, teríamos pessoas mais sensíveis. Um projeto como esse sempre vai atingir além da música. Acredito nessas propostas, seja qual for o segmento da arte musical, desde que a sua equipe de execução tenha responsabilidade social.

HELLEM PIMENTEL SANTOS FIGUEIREDO

Hellem Pimentel esteve à frente do Coral Vale Música de 2013 a 2016, regendo concertos em homenagem a Roberto Menescal e Ivan Lins. Foto: Acervo pessoal

Formação acadêmica e profissional

Doutorado em Música (Unicamp)

Função atual

Professora de Música da Universidade Federal de Juiz de Fora e maestrina no Coro Universitário da UFJF

Sinto-me muito privilegiada em ter podido participar de maneira influente na vida de jovens tão queridos e especiais. Constatei que os adolescentes, quando acreditam e se identificam com a proposta, não medem esforços para ‘fazer acontecer’. O céu era o limite! Por isso, foi possível fazer tanta coisa linda e de nível musical e artístico elevado com esse grupo. Eles topavam tudo e podiam (e podem) fazer qualquer coisa! Trabalhar com esses jovens e adolescentes foi um aprendizado e uma felicidade imensa”

Maestrina Hellem Pimentel

Quando o Vale Música entrou na sua vida? Em que ano entrou para o Projeto e qual era o contexto do Vale Música naquele momento (onde eram realizadas as aulas, estrutura, quem estava na coordenação)?

Entrei no Vale Música em outubro de 2013, para assumir o Coro. Naquele momento, o Projeto estava passando uma transição de coordenação e Júlia Sodré tinha acabado de assumir o Vale Música, com o objetivo de requalificar o programa. As aulas eram realizadas na Estação Conhecimento, sendo o espaço relativamente bem estruturado, com instrumentos à disposição, sala climatizada e espaço para a realização do trabalho. Acredito que seja a mesma estrutura de hoje.

Qual o seu papel no desenvolvimento do Projeto? Quando assumiu a regência e por quanto tempo permaneceu nessa função?

Estive à frente do Coro Vale Música de outubro de 2013 até dezembro de 2016. Nesse período, dividi a turma em Coro Infantil, com os mais novos, e criei o Coro Experimental Vale Música, formado por um grupo de adolescentes mais desenvolvidos vocalmente, com a proposta de realizar repertório popular, com arranjos sofisticados e atuar na interface com a linguagem cênica. Formamos um coro consistente que participou de concertos importantes (com Ivan Lins, Roberto Menescal, Cantata de Natal etc.); também fui responsável, nessa nova fase do Vale

Música, por inserir o Projeto no circuito local e nacional de encontros de coros, levando o Coro Experimental, por exemplo, ao Encontro Nacional de Coros da Ufes (CantarES), ao Encontro de Coros do Ifes (Encorifes) e ao Festival Internacional de Coros (FIC), realizado em Belo Horizonte (MG), entre outras apresentações do gênero, com excelente retorno do público leigo e de profissionais da área, citado como uma das referências em canto coral juvenil do país (comparado a projetos musicais reconhecidos nacional e internacionalmente). Nesse processo, participei exercendo a direção musical dos coros, concebendo projetos para a coordenação, selecionando repertório, escrevendo arranjos vocais, criando performances visuais, enfim, atuando na concepção artística e musical do Projeto. Todo o processo foi extremamente rico, pelo fato de poder trabalhar com uma equipe bastante capaz e dinâmica (como Júlia Sodré e Deyvid Martins) e alunos muito talentosos e animados, o que nos rendia resultados instigadores.

Quantos alunos o Projeto tinha quando você entrou para o Vale Música?

Quando entrei, o Projeto tinha 150 alunos. Depois, as vagas foram ampliadas para 216.

Você se lembra do perfil dos alunos naquele momento?

Lembro-me de os perfis serem diversos. O Projeto atendia a crianças (a partir dos 7 anos) e adolescentes/jovens (até os 18

anos), alguns em situação de vulnerabilidade social, alguns de projetos sociais (como os alunos da Casa de Abrigo da Serra). Ao mesmo tempo, outros alunos possuíam boas condições financeiras, alguns até estudavam em escolas particulares (com bolsa). Quando entrei, a maioria dos alunos residia na Serra. Depois, o projeto foi aberto para toda a Grande Vitória.

Naquela época, quantos grupos musicais estavam em atividade no Projeto? Teve a oportunidade de participar da criação de algum conjunto ou orquestra no Projeto?

Acho que, quando entrei, o Coro e a Orquestra estavam em atividade. Como relatado, reestruturei os grupos corais do Projeto, criando o Coro Experimental Vale Música e focando em repertório e abordagens próprios para o Coro Infantil.

Ao longo do período em que atuou como regente do Projeto Vale Música, quais foram as principais apresentações de que se lembra? Nesse período aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

Concerto em Homenagem a Milton Nascimento (2013), com a presença do artista, no Parque Botânico da Vale;

Concerto de 15 anos do Vale Música (2015) – Trilha Sonora de Filmes, no Teatro da Ufes;

Festival Internacional de Corais – FIC (2015), em Belo Horizonte (MG). Levamos 40 crianças e adolescentes de trem para

cantar em diversas localidades de BH. Viagem inesquecível!

Concerto em Homenagem a Ivan Lins (2015), com a presença do artista, no SESC Glória;

Concerto em Homenagem a Roberto Menescal (2016), com a presença do artista, no SESC Glória;

Concerto de Natal da Rede Tribuna (2016), com apoio da Vale e do Governo do Espírito Santo, em palco externo ao Palácio Anchieta.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita? Quem?

Suelen Peroni (violinista), Wagner Nascimento (percussionista), Ariel Alves (flautista), Lucas Anizio (violinista), Lucas Oliveira (cellista), William Sampaio (trompista), Elias Britto (cantor).

Ainda em relação à questão anterior, você se lembra de pessoas que tiveram suas vidas transformadas através do Projeto Vale Música ao longo desses 20 anos, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Além dos citados, lembro da Ingride Miranda, Bruna Knupp, Samuel W. Barbosa, Joyce Rodrigues, Matheus Ottoni e Mauro Júnior – alunos ligados diretamente ao coro no período em que estive como regente e que deram feedbacks muito bacanas durante e depois do trabalho realizado com o Vale Música.

Qual foi o principal legado e aprendizado que a experiência no Vale Música proporcionou para a sua vida?

Eu me sinto muito privilegiada em ter podido participar, de maneira influente, na vida de jovens tão queridos e especiais. Constatei que os adolescentes, quando acreditam e se identificam com a proposta, não medem esforços para “fazer acontecer”. O céu era o limite! Por isso, foi possível fazer tanta coisa linda e de nível musical e artístico elevado com esse grupo – porque eles topavam tudo e podiam (e podem) fazer qualquer coisa! Trabalhar com esses jovens e adolescentes foi um aprendizado e uma felicidade imensa.

Também é preciso destacar o apoio da liderança do projeto, especialmente na figura da Júlia Sodré, que investia em nossas ideias e as tornava possíveis e reais. Tenho no Vale Música um dos projetos de que mais gostei de atuar, onde pude exercitar diversas facetas artísticas com crianças e jovens, onde pude ir além dos nossos limites aparentes e realizar sonhos (os meus e os deles). O Projeto Vale Música está nas minhas mais doces lembranças.

EDUARDO LUCAS DA SILVA



Foto: Ricardo Galvão

Formação acadêmica e profissional

Bacharel em Música pela Fames com especialização em Educação Musical (Centro Educacional Santo Antônio de Pádua) e Mestrado em música pela UFRJ.

Função atual

Professor e maestro do Vale Música e professor, maestro e coordenador do curso de Música Popular da Fames.



Todas as apresentações são marcantes para mim. Ver essas crianças e adolescentes superando, todas as mazelas, tudo aquilo que é contrário, no palco, com instrumentos, entregando o seu melhor e se comunicando melhor e se expressando através da música, para mim, isso é o ápice! É transcendental”

Maestro Eduardo Lucas



Maestro Eduardo Lucas conduz a Banda Sinfônica Vale Música em direção a um repertório sério, difícil e significativo para a música de concerto.

Foto: Daniella Spadeto

Quando o Vale Música entrou na sua vida? Em que ano e de que forma entrou no Projeto e quais as funções que desenvolveu ao longo desses anos?

Eu entrei no Vale Música em 2014, a convite da então coordenadora técnica Alice Nascimento. Inicialmente, fui contratado para assumir a banda do Projeto e todas as turmas de metais. Isso quer dizer que eu ministrava aula para todos os alunos de trompete, trompa, trombone, eufônico e tuba. Vale ressaltar que, nesse início, a banda era um grupo muito pequeno, incipiente – acho que tinha entre 12 a, no máximo, 16 componentes. Então, ela ainda não tinha uma boa estrutura, tanto artístico-pedagógica, quanto de alunos dentro do grupo. Eu, praticamente, iniciei a Banda Sinfônica. Depois, mudei o nome e transformei numa Banda Sinfônica que toca repertório sério, difícil e realmente significativo para a música de concerto, a música séria. Lá, no Vale Música, atuei como professor desses diversos instrumentos. Atualmente, sou maestro da Banda Sin-

fônica, Jazz Band, Banda Experimental, tenho três turmas de Teoria e uma turma de Regência. Criei essa última para atender aos regentes do Espírito Santo, pois não existe nenhum curso de Regência no Estado. Decidi criar esse curso, que é de 200 horas, e o oferecemos para regentes de todo o estado – do interior e da capital.

Fale sobre sua infância e adolescência. Onde morava? Sua família o incentivou a estudar música? Há algum músico na família que o tenha influenciado na sua opção pela carreira musical ou essa decisão foi exclusivamente sua?

Eu nasci do outro lado da Ilha, na parte mais pobre da Ilha de Vitória. Nasci na Grande São Pedro, especificamente em São Pedro V. Mas isso é o nome de Regional, o bairro mesmo se chama Conquista. Minha família é do bairro da Penha, de São Benedito, e foi para lá por causa da invasão. Porque lá era o “lixão” de Vitória. Então, aqueles terrenos foram ocupados por pessoas que não tinham moradia própria. Elas pegavam seu pedacinho de terra, trabalhavam com reciclagem do material (do lixão) e construía suas casas de pau a pique. Eu sou dessa nossa realidade: nasci, cresci, vivi minha adolescência e residi em São Pedro até os meus 27 anos. Hoje, estou com 31 e há quatro anos não resido lá em São Pedro.

Na minha família não tem nenhum músico, sou o único. Não tive uma influência musical dentro de casa, mas os meus pais tinham um forró, que eles chamavam de Bailão, e que tocava samba, pagode, funk, era o Bailão Sonho Doce, lá em São Pe-

dro. Cresci, desde muito pequeno, com 2, 3 anos de idade, em contato com esses gêneros musicais. Isso me moldou bastante. Eu gosto de música sertaneja, é uma música que admiro bastante e porque foi a música que ouvi a minha vida toda. Minha infância teve vários momentos interessantes.

Ser músico foi uma decisão exclusivamente minha. Quando completei 17 anos, decidi que faria da música a minha profissão, que viveria para a música. Mas comecei a estudar música com 15 anos, um pouquinho tarde para os parâmetros que a gente conhece hoje, de crianças que começam a estudar com três anos de idade. Com 17, decidi ser músico profissional. Naquele momento, tive que trabalhar muito, porque minha família não tem posses. Minha mãe era cozinheira, trabalhou em casa de família por muitos anos como doméstica, e meu pai é policial militar. Fui criado basicamente pela minha mãe, com meus dois irmãos. Minha mãe sempre foi muito ativa, criativa, fazia artesanato para vender na feira, essas coisas. Acho que até herdei um pouquinho isso dela, essa criatividade de fazer as coisas, de não ficar parado, de se envolver com um monte de coisas ao mesmo tempo. Minha mãe sempre teve esse perfil para poder, inclusive, dar subsistência para mim e para os meus irmãos.

Quando decidi ser músico profissional, eu precisava mostrar para minha mãe que isso era possível. Minha mãe queria o meu bem. Ela não tinha nenhuma referência de músico em casa, não tinha parâmetro para pensar nisso. Estrategicamente, então, comecei a trabalhar com tudo o que aparecia. Dei aula em Nova Carapina, São Diogo, Flexal, Marcílio de Noronha, em

vários bairros periféricos. Trabalhei em projetos como o Mais Educação, Mais Cultura, dando aulas de flauta doce, de teoria musical, de instrumentos. Sempre trabalhei nesses projetos. Era pouco dinheiro pra caramba. No Projeto Mais Educação, ganhava R\$ 200,00 por mês, para ir duas vezes por semana em Flexal II. Foram muitos os desafios, mas eu chegava em casa com dinheiro. Isso ajudava a minha mãe e ajudava a minha família. E, quando ela percebeu que dava certo, que eu estava empenhado nisso, ela me apoiou abertamente, sempre.

Você chegou a participar da Banda Júnior da Polícia Militar do Espírito Santo. De que forma essa experiência influenciou na sua escolha profissional?

Eu iniciei meus estudos aos 15 anos de idade no Projeto Banda Júnior da Polícia Militar do Espírito Santo. Na época, era um Projeto que, na época, era patrocinado pela ArcelorMittal. A Banda Júnior era um projeto social da Polícia Militar, do Governo do Estado e da empresa patrocinadora, e foi lá que tive o primeiro contato com a música mesmo. Estudei Teoria Musical, fiz aulas de Ordem Unida, de Cidadania, estudei no projeto do Proerd (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), desfilava nos desfiles cívicos da data de Sete de Setembro etc. Minha iniciação musical foi com os militares participantes da Banda da PM, como o Marcos Firmino, o Ádamo e o Moisés Rangel. Isso me influenciou bastante e, durante um período da minha adolescência, eu quis ser militar. Vi uma possibilidade de atuar no militarismo como músico, até porque meu pai é militar.

O Projeto Banda Júnior foi a única oportunidade que tive de aprender música, porque a minha família não tinha condições de pagar aulas particulares para mim. Na Banda Júnior, tive toda a oportunidade de me desenvolver enquanto músico. Participei ativamente de todas as atividades do projeto e mantenho um vínculo com eles até hoje. Depois, tive o privilégio de estabelecer um intercâmbio entre o Projeto Vale Música e a Banda Júnior. Sempre tive essa visão de estabelecer parcerias entre os projetos sociais, de levar artistas e intelectuais do estado para participar desses projetos. A sociedade civil precisa compreender que essas mudanças sociais só serão efetivas quando cada cidadão entender a sua parcela de contribuição, seja através da participação ativa, prestigiando os concertos e apresentações, seja ministrando palestras e dividindo o conhecimento. Consegui estabelecer esse intercâmbio com a Banda Júnior da PMES e foi uma coisa muito legal para mim.

O projeto tem tanta coisa boa, que fica difícil falar. Foi realmente muito relevante para minha vida profissional, estar no Quartel e estudar música com os melhores instrumentistas do Espírito Santo. A Banda da Polícia dispõe de um efetivo de pessoas extraordinárias, de excelentes músicos que têm uma trajetória incrível. Isso foi muito importante para minha formação. Talvez a minha identificação com o terceiro setor e com os projetos sociais se deva à gênese do meu aprendizado musical. Pelo fato de eu ter vindo de um projeto social e de ter experienciado muitas situações que os alunos vivenciam, como não ter dinheiro para transporte, lanche etc. Essa formação contribui para eu poder entender e trabalhar com os alunos. A

minha origem é muito parecida com a dos meninos. O projeto da Banda Júnior é fenomenal, continua a existir e espero que continue por muitos anos, porque é uma dádiva para o povo capixaba.

Quantos alunos tinha o Vale Música quando você entrou no Projeto? Onde aconteciam as aulas?

Eu não tenho certeza, mas, quando entrei em 2014, o Vale Música devia ter uns 150 alunos. O Projeto acontecia na Estação Conhecimento, num espaço muito bom, maravilhoso, com ar-condicionado, cadeiras, com espaço bem iluminado. Enfim, uma estrutura bem bacana.

Qual era o perfil dos alunos naquele momento?

O perfil dos alunos do Vale Música era prioritariamente de moradores do município de Serra. Quando entrei, praticamente todos os alunos eram de Serra. Tinha um ou outro que era de Cariacica, Vitória, mas, prioritariamente, os alunos eram de Serra. Sempre achei que o Projeto deveria visar outros bairros, outras regiões da Grande Vitória, até como uma forma de multiplicação de todo o conhecimento que é transmitido no Vale Música. Em 2014, começaram a surgir alunos de diversos bairros de Cariacica, Viana, de Flexal, e o Vale Música começa a se descentralizar e a atender várias regiões. Sobre a faixa etária, quando entrei, os alunos só ficavam no Vale Música até completar 18 anos. Podiam ficar até os 21 anos, tinha uma diretriz

que permitia, mas era muito difícil os alunos chegarem até os 21 ou 23 anos no Vale Música. Lembro do caso do Mauro Júnior – que já tinha 17 anos quando entrou. Ele me procurou e lembro que houve uma certa dificuldade para ele entrar no Projeto. E aí, realmente, defendi a bandeira de que o Vale Música tinha que atender a alunos com uma maior faixa etária. O Mauro entrou e hoje é um dos nossos alunos de maior destaque. Ele passou na USP, em São Paulo, e toca em diversas orquestras. A escolaridade foi se ampliando e agora teremos uma grande conquista: poderemos atender jovens de até 29 anos de idade. Essa foi uma construção que começou lá atrás, e o Mauro foi um dos *starts* para isso. Quanto à escolaridade, a maioria dos alunos está no ensino fundamental e no ensino médio. Agora estamos vivendo uma nova safra, pois muitos alunos já estão na graduação. É incrível! É muito bom mencionar isso. Se o aluno está na graduação e continua no Projeto, é porque o Vale Música tem alguma coisa interessante pra ele. Tem informações muito relevantes. Muitos alunos estão na graduação. Devo ter, na Jazz Band, uns oito ou nove alunos que estão cursando a graduação, fazendo bacharelado e licenciatura. Para você ver o tamanho e a magnitude que o Projeto tomou. Ter alunos que estão na graduação, com ensino superior, e que continuam os laços com o Projeto. Isso é muito importante.

Naquela época, quantos grupos musicais estavam em atividade no Vale Música? Teve a oportunidade de participar da criação de algum conjunto ou orquestra no Projeto?

Na minha época tinha a Orquestra - que era o grupo principal -, Coral, Banda e uma Camerata. Esses eram os grupos que existiam antes de 2014. Quando entrei, posso dizer que criei a Banda Sinfônica, porque, até então, era uma banda que fazia um repertório simples e pouco elaborado. Quando eu entro, começo a trazer obras escritas originalmente para a formação de Banda Sinfônica, e a banda deixa de ser uma banda e se torna Banda Sinfônica. Começa a existir uma estrutura hierárquica, com chefe de naipes, spalla (primeiro violino), e a Banda começa a se estruturar dentro do Vale Música. Posso considerar que criei a Banda Sinfônica, a Jazz Band e a Banda Experimental – que é um grupo iniciante, um grupo mais jovem, de crianças que estão bem no início. Na primeira aula, eles já têm contato com instrumentos. Esse contato se dá na Banda Experimental. Sempre estimulei a criação de grupos de câmara. A música de câmara, para quem não sabe, é uma música feita por conjuntos pequenos. É um termo que surge nos castelos – no Renascimento, no Período Barroco – porque não havia teatros, existiam as câmaras, que eram salas grandes, mas não grandes o suficiente para suportar uma Orquestra Sinfônica. Eram grupos reduzidos. A música de câmara é extremamente importante para a formação profissional de um músico. Ele tem que tocar, ele tem que criar e tem que participar de um grupo de câmara. Então, é algo que estimo entre os alunos. Nesse tempo, surgiram vários grupos de câmara no Vale Música. E tem o curso de Regência, que acho que é uma criação realmente relevante. Lembro que a primeira turma tinha 15 vagas, eu abri as inscrições e, em 24 horas, tínhamos 70 inscritos. Na

segunda turma, aumentamos o número de vagas online para 20 participantes e, em menos de 12 horas, tínhamos mais de 65 inscritos. Isso demonstra a demanda no Espírito Santo por capacitação na área de Regência e a sensibilidade do Vale Música ao suprir essa demanda. Graças ao Projeto, muitos desses alunos têm a possibilidade de dar os seus primeiros passos em Regência. É obvio que não se trata de um curso de capacitação profissional, mas fornece uma base muito interessante para a formação de novos regentes.

Quais os momentos e apresentações mais marcantes que você vivenciou ao longo desses anos como maestro do Vale Música? Aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior?

Essa pergunta é bem delicada porque todas as apresentações são marcantes para mim. O fato de você ter no palco jovens, adolescentes, pobres, negros que a sociedade racista e excludente construiu...Ver essas crianças superando tudo isso, todas as mazelas, tudo aquilo que é contrário, no palco, com instrumentos, entregando o seu melhor e se comunicando melhor e se expressando através da música, para mim, isso é o ápice! Isso, para mim, é transcendental. Então, não há uma apresentação específica. Todas foram boas, todas são tijolos construindo essa estrutura, essa criança e esse adolescente, uma pessoa de bem. O concerto do Tim Maia foi um tijolo, o concerto da Elis Regina foi um tijolo. Todos os concertos que o Vale Música realiza são tijolos para construir essa pessoa, construindo esse

ser que se tornará mais sensível, que será mais atento aos movimentos sociais e a tudo o que acontece na nossa sociedade, tornando-se uma pessoa mais respeitosa, mais equilibrada. Eu não nomearia uma única apresentação como marcante. Sobre a viagem, ir para fora, conhecer outros estados, outros países... A gente já conheceu Minas Gerais. Mas tudo isso serve para ampliar os horizontes dos nossos alunos.

Você percebe um menino do bairro Flexal 2, um menino cuja família, possivelmente, nasceu e cresceu ali, você vê o menino saindo dali e tendo a oportunidade de ir para Minas Gerais... Talvez, se não fosse o Projeto, ele nunca teria essa oportunidade de viajar. Tudo isso faz com que a vida que é colocada nos olhos desse menino seja desvelada, porque os horizontes se ampliam completamente. Faz com que eles pensem: "Eu estou aqui tocando um instrumento caro, estou aqui com uniforme, num local limpo, iluminado, com professores competentes, com uma equipe competente, de professores cultos, tenho a possibilidade de viajar, de tocar um concerto de compositores cultos". A vida dele não se restringe mais ao seu bairro, a vizinhança dele passa a ser a vizinhança do mundo. Ele começa a ter como vizinho Beethoven, Mozart, Haydn, todos esses grandes compositores.

Isso é que é bacana: fazer com que as fronteiras geográficas e sociais sejam extrapoladas. Tudo isso que a Vale proporciona aos alunos serve a essa construção social, a essa construção cidadã, de ampliação dos horizontes. O menino fala: "Poxa, eu posso ser um atendente de padaria, de supermercado. Mas também posso ser um músico da Orquestra Sinfônica de São

Paulo, posso ir para a Filarmônica de Berlim, posso ir para Chicago, para Nova York.” As possibilidades são inúmeras e só foram possíveis de serem alcançadas porque eles tiveram a oportunidade.

Vale mencionar que nossos alunos não são fragilizados. Eles são desassistidos, porque eles demonstram uma força interna muito grande, apesar de toda a estrutura social que é criada para que as coisas não deem certo para eles. Nossos alunos são fortes; o que falta a eles é oportunidade. E oportunidade é o que a Vale tem dado a eles ao longo desses 20 anos, algo que o Estado deveria dar, que a sociedade deveria dar a todos os jovens. Seja a oportunidade de ser um bailarino, um pintor, um escritor, um poeta, todas as oportunidades. Se for feito um trabalho de excelência também com a literatura, eu garanto que da periferia de São Pedro – ou de qualquer periferia - vão sair grandes escritores, grandes pensadores. O que a gente precisa dar para os nossos jovens é oportunidade. Ocorre que as empresas ocuparam os espaços que não foram ocupados pelo Estado. E que surjam mais empresas com esse mesmo ideal. Que surjam outras empresas com os mesmos projetos de atender e de oferecer oportunidades para as crianças que não têm esse acesso.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita? E de alunos que tiveram suas vidas transformadas pelo Projeto, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Compreendo que a gente tem alguns pontos norteadores no Projeto, de pessoas que se tornaram músicos – apesar de esse não ser o foco principal. O foco principal do Projeto é a socialização por meio da música, a música como ferramenta. Ser músico é uma escolha do aluno. Temos vários casos de êxito na área musical.

Posso citar o professor Wagner Nascimento, que não foi aluno do Vale Música na minha época, e que hoje é músico da Orquestra Sinfônica de Brasília, que é um dos melhores empregos do Brasil em orquestra. Nós temos a história do Ariel Alves, que é flautista, professor da Universidade Federal de Belém do Pará. Dessa geração mais recente, tem o Mauro Júnior, um aluno espetacular. Ele chegou ao Vale Música com diversos problemas e hoje está em São Paulo, estudando na USP, com o Fabio Cury, o maior professor de fagote do Brasil. Está conquistando o seu espaço, buscando, tendo coragem de enfrentar as intempéries e de buscar novos conhecimentos.

Muitos alunos estão na graduação. Todo ano, em média, dez alunos do Vale Música são aprovados nas graduações. Às vezes, esse número chega a 20 alunos aprovados nos cursos superiores da Fames e da Ufes. Esse é um ponto importante.

O Vale Música tem formado bastantes profissionais, muitos alunos do Projeto têm abastecido a Fames e a Ufes. O Projeto transforma a vida do aluno, não só no aspecto técnico-musical, mas também no aspecto de socialização daquele aluno que tem problemas de relacionamento com os pais em casa. Ele chega num ambiente, numa estrutura sólida, pronta para

recebê-lo com tanto carinho, e ele começa a aprender mesmo sem perceber.

Isso é o legal: quando a gente aprende e não percebe que está aprendendo. Todo o ambiente que é criado no Vale Música para esse aluno é favorável à aprendizagem através do subconsciente. O aluno aprende em todo momento: quando entra na sala, quando vai ao pátio, quando abre uma porta e apaga a luz, quando se relaciona, dá bom dia. Tudo isso é aprendizagem, é escola. Ele está aprendendo em todos esses momentos.

Temos alunos como a Sabrina Leal, que está cursando Serviço Social na Ufes. Temos alunos fazendo Fisioterapia, trabalhando com tantas coisas. E olha que estou falando de seis anos pra cá, o tempo que estou lá. A mudança é notória – só não vê quem não quer. A mudança está aí, o Projeto é exitoso, atende com excelência, os profissionais são excelentes.

O que a gente está passando é uma mudança de casa decimal. Saímos dos 20 anos e estamos rumo aos 30 anos. E o que a gente espera dos próximos 10 anos? O que a gente espera dos próximos 20 anos do Vale Música, o que a gente espera dos próximos 40 anos? Eu acredito que a gente espera o melhor. E o melhor é uma educação de excelência, uma boa educação, espaços propícios a aprendizagem, estrutura, instrumentos, equipe. Tudo isso é o que forma, é o que constrói o Vale Música.

De certa forma, pode-se afirmar que você se vê nos alunos que hoje estudam música através do Projeto? Que a

experiência vivenciada por eles é semelhante à sua história de vida?

Essa pergunta é excelente. Se eu me vejo nos alunos que estudam música no Projeto? Com certeza, eu me vejo neles. Porque vejo neles o mesmo anseio que eu tinha de ser reconhecido. Que as pessoas olhassem para mim, principalmente na adolescência, e dissessem para mim: “Poxa, que legal o que ele está fazendo, que bacana, uma pessoa legal”. Eu vejo isso nos alunos. Nós, jovens e adolescentes, sempre fomos imbuídos do espírito coletivo e social, de trabalhar em prol da melhoria da sociedade. Esse espírito nos guia por muito tempo. Ser aplaudido, ser reconhecido pelo trabalho para o qual você se esforçou tanto, para o qual você estudou tanto. As horas que você abdicou de sair, de ir ao cinema, tantas coisas que você deixou de fazer para se dedicar ao estudo do instrumento, e ver as pessoas te aplaudindo, te parabenizando por isso, é algo transformador. É algo significativo na vida desses meninos. E eu me vejo neles. Todo esse processo que eles passam foi o processo que eu passei. O processo de aceitação da profissão, de aceitação dentro de casa, de provar para a família que é possível, de levantar dinheiro, de não ter instrumento, de não ter dinheiro da passagem, de não ter comida, né? De você ir para o local e não ter como se alimentar. Tudo isso que eles vivenciam, eu vejo em todos os momentos com eles.

Eu conto uma história interessante que, quando estudava na FAMES, eu não tinha dinheiro. E o meu curso era diurno – manhã e de tarde – era o bacharelado em Música. Eu es-

tudava o dia inteiro. Toda a alimentação era na rua, e eu não tinha dinheiro. O que eu fazia: eu me juntava com os amigos e a gente rachava uma caixa de papelão fechada de biscoito ruim. Esse era o nosso café da manhã e da tarde. No almoço, a gente ia para o restaurante de R\$ 1,00, que era o Restaurante Popular. Era difícil para todo mundo, a gente fazia um trabalho bem comunitário. E tudo isso, eles vivenciam hoje. Lembro como foi a luta para conquistar o meu primeiro instrumento, o primeiro trompete. Meu pai comprou e custou R\$ 400,00, era um instrumento muito iniciante, muito ruim. O meu segundo instrumento foi melhor e eu tive que pagar. Comprei com meu próprio dinheiro, tive que trabalhar muito para pagar. Meu professor dividiu o tanto que eu quisesse em parcelas a perder de vista. Eu queria terminar de pagar logo. Estudei bastante, trabalhei bastante para poder pagar o instrumento, que era o meu sonho.

Com certeza, me vejo muito nesses alunos. Muitos deles têm histórias parecidas com a minha. Tem a história da religião que isso envolve, desses paradigmas que a religião acaba criando na cabeça dos meninos. Eu passei por isso. Eu vejo eles se moldando como pessoas, eu me vejo completamente neles. Talvez a minha relação próxima com eles tenha a ver com esse olhar no espelho. Talvez, o sentimento seja recíproco por parte deles. A minha casa, antes do período do isolamento, era lotada de alunos do Vale Música. Eles sempre vieram para cá, tem aqueles que são mais próximos naturalmente. Mas sempre tivemos esse vínculo muito próximo, que considero uma coisa bacana, porque quebra aquele gelo, aquele afastamento do

professor, entre o mestre e o discípulo. O mestre é uma pessoa como você, que está no mesmo caminho, na mesma jornada, em busca de conhecimento. Então, quebra esse paradigma.

EDUARDO LUCAS DA SILVA



O maestro se tornou uma referência para os alunos por sua história de vida, talento e dedicação. Foto: Instituto Galvão

JULLIANO BARCELLOS



Julliano coordenou os corais do Projeto de 2017 a 2022.
Foto: Alessandro Reis

Formação acadêmica e profissional

Bacharelado em Canto Lírico (em conclusão)

Função

Regente de Corais

É uma sensação muito especial saber que uso as minhas humildes habilidades para transformar a vida daquelas crianças e daqueles adolescentes em algo maior e melhor. E poder, de alguma forma, plantar essa sementinha do respeito pela música entre as crianças e os jovens é algo muito especial pra mim. Sinto-me muito feliz por poder fazer parte disso. É como se eu tivesse encontrado a minha função, a minha missão" dentro da sociedade."

Julliano Barcellos

Quando o Vale Música entrou na sua vida? Em que ano e de que forma ingressou no Projeto e quais as funções que desenvolveu ao longo desses anos?

Entrei no Vale Música em 2017 – em abril, para ser mais preciso –, através da Júlia Sodré. Esse contato surgiu com a substituição da professora Hellem. Ela precisou se ausentar por um tempo. Ela estava fazendo um curso de doutorado em outra cidade (NE: *ela fez doutorado na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, SP*) e não podia estar sempre com as turmas, como é o habitual. Então, inicialmente, eu atuaria como assistente da professora Hellem Pimentel. Ela seria a responsável pelos corais, definiria repertório, metodologia e tudo o mais. Eu ensaiaria os alunos e ela faria os ajustes finais e a regência dos concertos. Eu vi nessa condição uma oportunidade incrível, de grande aprendizado. Porque sempre fui um grande admirador do trabalho da professora Hellem Pimentel. Porém, o trato durou uma semana. No meio tempo em que aceitei a proposta e comecei a trabalhar de fato, a professora resolveu sair definitivamente. Decidiu se dedicar ao curso, ao projeto de aprimoramento que ela estava fazendo naquele momento. Daí que eu me tornei, sem esperar, o responsável por todos os corais e caiu tudo no meu colo. Acabei assumindo a regência de todos os corais, desde os infantis até o coral adulto dos empregados. O primeiro ano foi bastante complicado porque tive que crescer muito, amadurecer rápido. Você sabe como funcionam essas coisas. Você é colocado diante de uma situação e aí tem que decidir: ou aceita que talvez seja um trabalho

além das suas possibilidades, ou resolve arregaçar as mangas e trabalhar firme, evoluindo rapidamente, dia após dia, para dar conta do recado. Foi a forma como comecei as atividades no Vale Música.

Quantos alunos tinha o Vale Música quando você entrou no Projeto? Onde aconteciam as aulas?

Quando entrei, em 2017, já estava na casa de mais de 200 alunos. Daquele ano em diante, o Projeto cresceu um pouco mais no que se refere ao número de alunos. O local das aulas sempre foi o mesmo: a sala do coral. No ano de 2018, passamos a atuar também no Parque Botânico da Vale. As aulas aconteciam na Estação Conhecimento, na sala 01, que é a sala do coral, e no Parque Botânico da Vale, na sala Mata Atlântica.

Qual era o perfil dos alunos naquele momento?

A maioria era da região da Serra, mas não todos. Lembro de uma aluna de Cariacica e de um rapaz de Vila Velha. Ele morava na Serra e depois mudou para Vila Velha. Mas a maioria deles é da região da Serra. Quanto à escolaridade, os alunos tinham que estar matriculados na escola para participar. Estavam todos nas suas respectivas séries, de acordo com as idades. O perfil dos alunos é interessante porque a gente tinha algumas histórias, a gente ouvia falar. Eu não procurava saber muito sobre a história de cada um porque sempre vi todos os alunos como iguais. Eu não queria que tivesse algum tipo de tratamento di-

ferenciado. Mas a gente sabia que alguns alunos tinham histórias de vida bem difíceis. Alguns tinham até passado numa avaliação chamada critério social. Talvez, para um aluno que não tenha as melhores habilidades musicais, participar do Projeto pode ser muito importante para a vida dele, para fazer um resgate, devolver a autoestima, para oferecer uma oportunidade de futuro. Vejo os alunos dessa forma; essa era a visão que eu tinha naquele momento sobre o perfil deles.

Teve a oportunidade de participar da criação de algum conjunto ou orquestra dentro do Projeto?

Quando entrei, os corais já estavam todos definidos, como o Coral Infantil e o Coral Jovem. Fiz apenas algumas adaptações daqueles que já existiam. Por exemplo, existia um coro chamado de Coral dos Adolescentes, que com o Coro Infantil e que era chamado de Coro infantojuvenil do Projeto. Uma das alterações que propus foi a separação do Coro Infantil, para trabalhar um repertório exclusivo para crianças. E o Coral dos Adolescentes, esse Coral Juvenil, seria um grupo de transição para o Coral Jovem – iria alimentar o Coral Jovem – que é o nosso Coral principal.

Eu fui trabalhando ao longo desses anos para consolidar essas mudanças. Ao impor ao Coral Juvenil uma rotina de estudos um pouco mais puxada, com um nível mais alto, conseguimos resultados muito bons, como no concerto de Raul Seixas, em 2019. Tivemos vários alunos do Coral Juvenil integrando o Coro Jovem no concerto principal. Ou seja, eles estudaram o

mesmo repertório ao longo do ano, já foram se preparando e, no final do ano, foram premiados com a possibilidade de participar do Coral principal. Foi muito legal para eles. Eu tinha previsto para 2020 a formação de um novo grupo, que seria um Coro de Câmara do Projeto Vale Música. Seria um grupo reduzido de cantores para trabalhar um repertório diferenciado, de concerto. Teria um perfil mais show, um concerto com qualidade, mais direcionado para o grande público. Levar um entretenimento para o grande público, fazendo música de qualidade, mais voltado para levar um grande show entre as pessoas. Daí eu faria esse outro grupo trabalhar mais com música de concertos, em um grupo mais enxuto, com menos pessoas, alunos que já têm um nível mais avançado. Mas, infelizmente, ficou mais para frente.

Quais os momentos e apresentações mais marcantes que você vivenciou ao longo desses anos como maestro do Vale Música?

Com relação às apresentações e momentos marcantes, foram vários. Se tivesse que destacar um em especial, com certeza, diria que foi o Concerto Canta Raul, a última apresentação no Teatro da Ufes, em 2019. Quando me lembro do primeiro dia, quando exibi um documentário e perguntei para os alunos se eles sabiam quem foi Raul Seixas...De 30 alunos, apenas três levantaram a mão e disseram que já tinham ouvido falar o nome dele. Eu falei: meu Deus, eles não conhecem Raul Seixas, não sabem quem foi. E aí, a gente começou todo um trabalho,

mostrando os documentários, vendo tudo sobre a vida dele. E quando vi os documentários para me inteirar mais sobre a história da vida dele... Fui invadido por uma sensação de que tinha que dar o máximo naquele concerto. Aquele concerto tinha que ser o auge da minha carreira, da minha trajetória, sabe? Aquele concerto foi tão intenso durante todo o processo, cada uma das músicas que a gente ia fazendo, eles iam aprendendo mais, sabendo quem foi Raul Seixas, começando a gostar e iam reconhecendo as músicas do artista, eles pesquisavam... A minha sensação foi muito especial. Quando regi o último acorde de "Trem das Sete", música que fechou o concerto, tive uma sensação indescritível de dever cumprido. Talvez tenha sido o momento mais incrível da minha vida musical.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita? E de alunos que tiveram suas vidas transformadas pelo Projeto, independentemente de terem seguido a carreira musical? Pode citar nomes?

Algumas histórias me vêm à mente. Eu poderia citar três. Um deles, talvez o mais conhecido de todos, é o Elias Brito. Um rapaz que tem uma vida bastante difícil, com dificuldades de ordem familiar e pais doentes. Tanto que, por ter anseios profissionais, ele ficou no Projeto mesmo depois de ter completado 18 anos. De acordo com a regra, ao completar 18 anos, o aluno deve deixar o Vale Música, mas aqueles que têm anseios profis-

sionais podem ficar um pouco mais no Projeto, para se aperfeiçoar. O Elias Brito era um desses... Ele teve um momento muito especial no “The Voice Brasil”, programa do qual participou na TV Globo. Isso deu uma grande notoriedade para a carreira dele. Ele ficou bastante conhecido e continua colhendo os frutos desse momento especial. Continua desenvolvendo muitas atividades como músico profissional e é um imenso orgulho pra gente, porque é um rapaz cujo grande talento o Projeto pôde ajudar a aprimorar esse talento. Ele era um diamante bruto que a gente foi aperfeiçoando no Projeto, um pouco através do coral, no canto com os outros colegas, através de atividades como solista, e também no aprendizado na parte teórica e de instrumentos, que agregou muito à sua vida.

Temos outras histórias interessantes, como a da Ingride Miranda, uma aluna que, todo mundo fala, mudou completamente. Ela passou por um grande trauma familiar e a música transformou radicalmente sua vida. Hoje ela brilha, canta como solista, e também está na faculdade cursando licenciatura em Música. Quer a música para a vida dela e conta pra gente que quer ajudar as pessoas, da mesma forma como a música a ajudou. Ela estuda Psicologia e Música porque tem o desejo de unir as duas coisas para apoiar as pessoas. É uma história realmente maravilhosa e talvez seja uma das mais notáveis também.

Outra história que acho muito legal é a do Samuel Wallace. Quando comecei no Projeto Vale Música, ele cantava no coro e tocava violino ou viola. E percebemos que ele tinha uma paixão pelo canto, gostava muito de cantar e cantava muito bem. Passados todos esses anos, recebi uma mensagem dele dizen-

do que havia definido que ele queria ser músico profissional e que iria seguir a carreira de cantor. Foi muito legal porque senti nas suas palavras que ele tem a chama, tem o fogo do músico, ele não vê a música somente com uma coisa romântica, como um sonho. Ele vê mais, tem a chama de que o músico precisa para seguir e superar todas as dificuldades, porque essa é uma carreira muito difícil no Brasil.

É complicado quando um jovem diz para a família que quer ser músico; é realmente uma escolha muito difícil, ainda há uma série de restrições em relação a isso. Uma série de questões culturais. Eu enfrentei o mesmo que ele. Mas ele tem essa chama e eu gostei muito de ter ouvido dele que pretende seguir a carreira de canto erudito, de cantor de ópera, a mesma que eu segui. Ele segue atualmente na FAMES e voltou para o coral, para continuar cantando com a gente. Ele gosta muito do Vale Música e vê que pode aprender com o Projeto, mesmo estando na faculdade de música.

Na sua opinião, qual o maior benefício de trabalhar como regente de corais formados por crianças e adolescentes atendidos pelo Projeto?

São vários. O benefício maior é a oportunidade de aprender muito. Como é um trabalho de imensas responsabilidades, provoca em mim um intenso amadurecimento. E isso me deixa muito feliz, me dá uma sensação de que faço parte de uma coisa muito grande, extremamente especial, que muda a vida das pessoas. Isso é incrível para mim. É uma sensação

extraordinária saber que uso as minhas humildes habilidades para transformar a vida daquelas crianças e daqueles adolescentes em algo maior e melhor. Poder fazer parte do desenvolvimento da sensibilidade deles com relação à boa música... Para mim, a música é superior a qualquer coisa; sou um fanático, é como uma religião, da ordem do sagrado. E poder, de alguma forma, plantar essa sementinha do respeito pela música entre as crianças e os jovens é algo muito especial pra mim. Colocar o pouco que sei a serviço integral do Projeto e dos alunos que fazem parte do Vale Música. Esse é o grande benefício. É como se eu tivesse encontrado a minha função, a minha missão dentro da sociedade.